PARA·TODOS

—Os seus incommodos causavam-lhe todos os mezes dôr de cabeça, cólicas e mal estar.
Eram tres ou quatro dias de um martyrio continuo, que a obrigava a ficar em casa, ou mesmo a guardar o leito.
O unico remedio que conseguiu livral-a desses tormentos foi a prodigiosa
CAFIASPIRINA
CAFIASPIRINA
Dois comprimidos alliviam-lhe as dôres por completo, regularisam a circulação do sangue e restituem-lhe, assim, a energia e o bem estar.
Igualmente admiravel contra as dôres de cabeça em geral; dôres de dentes e ouvido; nevralgias; consequencias de noites perdidas, abusos alcoolicos, etc.
Não ataca o coração nem os rins.
BAYER
"agora os vejo chegar sem medo!"

Para todos...

Revista semanal, propriedade da S. Anonyma "O Malho". Directores Alvaro Moreyra e J. Carlos. Director-gerente Antonio A. de Souza e Silva.

Assignaturas: Brasil - 1 anno, 48$000. 6 mezes, 25$000. Extrangeiro - 1 anno, 85$000. 6 mezes, 45$000. As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. "Para todos"... apparece aos sabbados e publica, todos os annos, pelo Natal, uma edição extraordinaria.

Historia do homem que comia fogo

Eu ia distrahido pelo Viaducto do Chá. Na minha frente um homem caminhava com o ar triste de quem se aborreceu da vida. Mas se com isto pretendia chamar a attenção minha e dos outros — e havia muita gente nessa hora, era perder tempo. Ninguem já se impressiona á vista desses que se arrastam por ahi como vencidos. Todos sabemos que ansia desesperada de viver vae dentro da alma de semelhantes creaturas.

O homem seguia despercebido de todos até o instante em que subiu na grade. Ahi foi alvo da attenção geral. Correram para segural-o. Mulheres gritavam. Uma, e bonita por signal, teve um desmaio e cahiu nos meus braços. Assim, vi-me preso de duas sensações violentas, oppostas e simultaneas. Primeiro a scena impressionante do suicidio, depois o contacto embriagador de um corpo de mulher. Para gozar esta, sacrifiquei aquella, e curvei-me solicito para a moça. Tão depressa porém o homem se esborrachava no Anhangabahú, abria ella os olhos espantados.

— Não foi nada, senhorita, um suicidio...

E já a mãe, segurando-a, levou-a longe de mim.

Eu desci para o valle a considerar resignadamente que o sacrificio daquelle espectaculo invulgar do suicidio tivera bem fraca compensação.

Lá em baixo era grande o numero de curiosos.

— Quem é ? — Quem não é ? — Quem será ? —E' o homem que come fogo, irrompiam vozes.

Um homemzinho nervoso berrava para uns basbaques, entre os quaes eu me incluira.

— Mas os senhores não o conhecem ? Será possivel ?

Alguns o conheciam e admiravam, que para tanto bastava conhecel-o. Outros o conheciam apenas de nome, mas uns poucos havia que nem isso. As celebridades tambem não podem exigir que todo o mundo saiba da existencia dellas.

Mas o homemzinho não pensava assim.

— Será possivel ? — perguntava ainda. — Pois é o homem que come fogo ! O mais extraordinario de quantos appareceram ! Até no Rio o nome delle anda de bocca em bocca.

Eu era dos que admiravam o suicida. Havia muito que me falavam delle, até que fui ao circo vel-o trabalhar. E sahi abismado. O homem era phenomenal. Bebia um garrafão de kerozene. Riscava um phosphoro dentro da propria bocca, que se incendiava, e lá ia elle, como pyra enorme que por milagre se transformasse num ser humano. Este, o numero de sensação. E ainda outros tambem havia inacreditaveis. Incombustivel o homem. Assombroso. E era magro, esqueleti-

Os Engenheiros que collaram grão agora e suas familias depois da missa em acção de graças

co, horrivel de ver-se. Mas era unico. O mais admiravel de entre todos naquelle genero. Unico. Phenomenal. E nascido aqui mesmo. Brasileiro como qualquer de nós.

— Mas por que se matou, elle, tão celebre?

Ahi veiu a historia rapida, sem commentarios, que o homemzinho, companheiro de circo do suicida, atirou á curiosa avidez dos que o rodeavamos como basbaques.

Mas eu não atiro, eu offereço singelamente á displicencia de quem, por acaso, lançar aqui os olhos descuidosos, esta historia do homem que comia fogo.

Nascera numa cidadezinha qualquer do interior que logo o esqueceu, ou nunca soube delle, e certamente não vae reclamar a gloria de guardar-lhe os ossos no cemiterio humilde.

Uma vez perdeu-se de amores. Chegou ao delirio da paixão. Mas nunca foi correspondido. Suspiros, lagrimas, até mesmo cartas, resultaram inuteis. E um dia, mais um desilludido cravava na lua o olhar desesperado, pedindo aos céos um pouco de clemencia. Mas os céos não attendiam nem á supplica do rapaz, nem á do povo do logarejo que por esse tempo, em romarias, bradava pedindo chuva, uma chuvinha que fosse. Nada. E como os céos, a moça era insensivel.

O pobre do rapaz atirou-se, desbragadamente ao alcool, onde esperava ao menos o esquecimento. Nem assim. O alcool não lhe produzia quasi effeito. E foi bebendo, bebendo sempre, e cada vez bebendo mais. Em pouco era um assombro. Ninguem competia com elle. Nem lhe chegava aos pés.

Até que um circo de cavallinhos portou no logarejo. E uma das curiosidades que annunciava espalhafatosamente era um homem que comia fogo.

Depois do espectaculo o rapaz tentou, em casa, fazer o que vira fazer no circo aquelle homem inacreditavel. Sahiu-se esplendidamente. A quantidade immensa de alcool que por longo tempo vinha ingerindo, insensibilizara-lhe as entranhas quasi por completo.

E quando o circo partiu levava dois comedores de fogo.

O primeiro foi logo supplantado, e o outro viu-se pouco a pouco rodeado da fama, da gloria, da fortuna.

E aqui em São Paulo, uma noite, quem é que o estava applaudindo freneticamente de uma das frizas do circo! A virgem dos sonhos delle.

E ella contou-lhe que o desprezára porque o queria celebre, com um nome a correr de bocca em bocca pelo mundo.

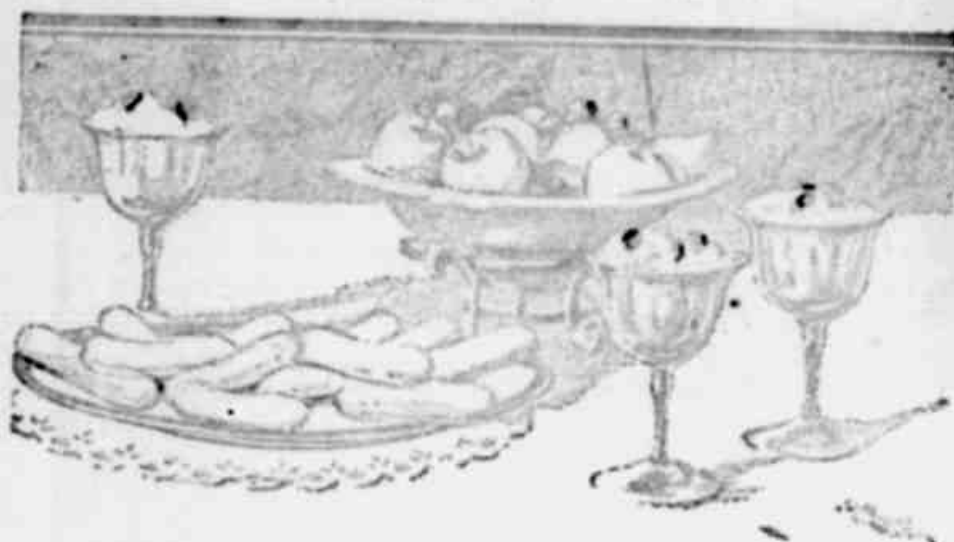
E agora era delle, toda delle, toda, toda.

Mas era tarde. O mesmo alcool que lhe dera fama, minou-lhe a saúde lentamente. E do rapaz ardoroso de ha cinco annos, nada mais restava do que uma carcassa inutil, insensivel, impotente.

Por
Pedro Leandro

Para todos...

Toda a correspondencia como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado) deve ser dirigida á Sociedade Anónyma "O Malho", 164, rua do Ouvidor, Rio de Janeiro. Endereço telegraphico O Malho-Rio. Telephones: Gerencia: Norte 5402. Escriptorio: Norte 5818. Annuncios: Norte 6131. Officinas: Villa 6247. Succursal em S. Paulo dirigida pelo Sr. Plinio Cavalcanti, rua Senador Feijó, 27, 8.° andar, salas 86 e 87.

Turma de 1928 da Escola Polytechnica e o director Conde Paulo de Frontin

MINIATURA DA CAPA D'"O MALHO" DE HOJE

E SEMPRE O VULGO...

E cansam. E irritam os desencantados, porque os desencantados crearam os scepticos e os scepticos geraram os cynicos. E logo, em seguida, o egoismo. Os interesses particulares; procurando-se a recompensa na "quantidade"... Os seus ideaes perseguem o lucro e as palmas. Mediocres aspirações. Em uma palavra: ambição plebeia. Idéa: lucro. Saber: utilidade. Amor: cifras. Apresentação: elegante vestir, figurino. Ambiente: industrialismo, corrupção...

E o resto vae por terra: respeito, devoção, gratidão, serenidade, bom sentido, fé, ideaes, aspirações formosas, desejos nobres e santos... Tudo por terra, visto como o vulgo não se comprehende, não os sente... Puro gozo material em vez de gozo intellectual, satisfação de espirito.

E o peor, é que nos afastamos delle mas, vulgo, somos sempre sua presa. Quem póde, porém, deixar de gritar: "vulgo"... "vulgo"... ante e tantas banalidades ?...

CABANAS

Como obter bem-estar e maiores recursos ou ganhos?

Meios praticos para se obter emprego rendoso — Combater atrazos de vida. — Ter sorte ou ganhar em negocios e loterias — Casar bem e depressa, ou obter o amor desejado — Descobrir o que se pretende — Adivinhar — Fazer alguem ser fiel — Fazer voltar a pessoa que se tenha separado — Ver em pensamento a imagem da pessoa que se esposará — Obter dos poderosos o que fôr razoavel — Destruir maleficio — Vêr o que se deseja do passado e do futuro — Saber seu destino — Ser invulneravel ás molestias — Fazer concordia na familia e no negocio — Fazer com que se pague o que é devido — Curar vicio de bebida, jogo, sensualismo ou molestias — Attrahir a freguezia — Augmentar a vista e a memoria — Ganhar demanda — Fazer desapparecer inclinações viciosas ou condemnaveis — Destruir feitiçaria ou influencias nocivas de inveja, odio, quebranto, mau-olhado e obsessões de espiritos — Hypnotizar, magnetizar e transmittir mentalmente em distancia o pensamento ou um recado — Descobrir logares onde existem thesouros ou minas de ouro, diamantes e e pedras preciosas.

Todas estas instrucções estão nos LIVROS DAS INFLUENCIAS MARAVILHOZAS.

PREÇOS: OS LIVROS DAS INFLUENCIAS MARAVILHOZAS são cinco: HYPNOTISMO AFORTUNANTE, MAGNETISMO UTILITARIO, OCCULTISMO PRATICO, MEDICINA MODERNA e SCIENCIAS SECRETAS. Cada qual trata de uma especialidade, e podem ser comprados por junto ou separadamente á escolha do freguez. Cada um custa DEZ MIL RÉIS quando brochura, — ou DOZE MIL RÉIS, quando encadernado. Os cinco livros por junto não têm desconto; mas em compensação, o comprador da collecção receberá gratis um diploma INSTITUTO ELECTRICO E MAGNETICO. Collecção dos cinco livros: brochados: CINCOENTA MIL RÉIS; Encadernados: SESSENTA MIL RÉIS. São os melhores que existem.

Remettem-se em registrado no correio para qualquer parte, a todos que, com o pedido, enviarem a respectiva importancia em vale postal ou pelo registro chamado VALOR DECLARADO (não confundir com o registro simples), ao

Instituto Electrico e Magnetico, com o endereço: Caixa 1734, Capital Federal

---

MOBILIARIO PARA ESCRIPTORIO

COMPLETO SORTIMENTO DE SECRETÁRIAS, BUREAUX, ESTANTES, GRUPOS DE COURO EM DIVERSOS ESTYLOS MODERNOS

Bureau de imbuya com tampo de crystal, estylo colonial

Estante de imbuya, estylo colonial

Cadeira de imbuya, estofada estylo colonial

A. F. Costa

27, Rua dos Andradas, 27

Phone N. 1350

Rio de Janeiro

Para se ter dentes bonítos, basta usar líquído "Odol" com "Odol" pasta.

O *liquido Odol* penetra em todos os intersticios dos dentes, embebe de substancias desinfectantes os residuos ahi retidos, impedindo a sua decomposição e deste modo combate a causa da carie. A *pasta "Odol"* torna os dentes alvos, sem atacar o esmalte e impede a formação das pedras (tartaro).

A gallinha cêga

(CONCLUSÃO)

— E'.

Nos olhos raiados de sangue do carroceiro (elle era carroceiro) boiavam duas lagrimas enormes.

—

Agora, religiosamente, manhã e tarde, elle dava milho na mão prá gallinha cêga. Depois, levava ella ao poço, onde ella bebia com os pés mergulhados na agua — A gallinha já sentia-se de novo quasi feliz. Tinha delidas lembranças da claridade sumida. No terreiro plano ella podia ir e vir á vontade, até topar a tela de arame. Ainda tinha liberdade — o pouco de liberdade nessaria á sua cegueira. E milho. Não comprehendia, nem procurava comprehender aquillo. Tinham soprado a lampada e acabou-se. Quem tinha soprado não era da conta della. Mas o que lhe doia fundamente era já não poder ver o gallo de plumas bonitas. Era já não sentir o gallo perturbal-a com o "có-có-có" malicioso. O ingrato!

—

Certas tardes, na ternura crescente do paraty, elle pegava a gallinha, se sentava na porta do terreiro e começava a ninal-a com a voz branda, commovida:

— Coitadinha da minha cêguinha!

— Tadinha da minha cêguinha!

Depois, já de noite, ia botal-a no poleiro entre as companheiras.

—

Derepentemente os acontecimentos se precipitaram.

—

A meninada ria a maldade atávica no deleite do futeból originalissimo. A gallinha abandonava-se sem protesto na sua treva, ao léo dos chutes. Ia e vinha.

O carroceiro avançou como um possesso com o chicote, que assoviou para alcançar umas nadegas tenras. Zebrou carnes nos estalos da longa tita de sola. O grupo de gurys dispersou-se em lagrimas e risos.

O dono agarrou a gallinha martyr e apertou ella contra o peito rijo que arfava, arfava numa piedade infinita.

—

— Você chicoteou o filho do delegado. Vamos á delegacia.

—

Quando sahiu do xadrez, na manhã seguinte, trazia um nó na garganta. Rubro de raiva, impotente. Foi quasi correndo prá casa.

— Onde está a gallinha, Ignacia?

— Vae ver.

Encontrou ella no terreiro estirada, morta! Por todos os lados havia pennas arrancadas, mostrando que a coitada se debatera, lutára contra o inimigo antes desse abrir-lhe o pescoço, onde havia coágulos de sangue...

Era tão tragico o aspecto do marido que os olhos da mulher esbogalharam-se de pavor.

— Não fui eu não! Com certeza um gambá!

— Você não viu?

— Não acordei! Não pude acordar!

Elle mandou a enorme mão fechada contra as rugas della. A velha cahiu nocaute, mas sem esperar a contagem do tempo, escapuliu prá rua gritando-me acudam!

—

Quando sahiu do xadrez, de novo, na nova manhã seguinte, tinha açambarcado todas as iras do mundo. Architectava vinganças tremendas contra o gambá. Todo gambá é páo dagua. Deixaria uma gamella com cachaça no terreiro. Quando o bicho se embriagasse, havia de matal-o aos poucos. De-va-ga-ri-nho. GOSTOSAMENTE...

—

De noite preparou a exquisita armadilha e ficou esperando. Logo pelas dez horas o somno bateu e elle não resistiu. Mas acordou justamente na hora necessaria. Na porta do gallinheiro, ao luar leitoso, junto á mancha redonda da gamella havia outra mancha escura. Elle foi-se approximando sorrateiramente. O gambá olhou-o com os olhos espertos e começou a rir:

— Kiss! kiss! kiss!

(Se o gambá fosse inglez, com certeza estaria pedindo beijos). O carroceiro examinou-o curiosamente.

Mas sómente tocou-o de leve com o pé, já sympathisado:

— Vae-se embora, seu tratante!

O gambá foi-se indo tropegamente. Passou pelo buraco da cerca e parou olhando prá lua. Sentia-se feliz immensamente o bichinho e começou á cantarolar:

— A lua como um balão balança!
A lua como um balão balança!
A lua como um bal...

E adormeceu de subito debaixo de uma pitangueira.

Bello Horizonte, 6—3—926.

JOÃO ALPHONSUS.

SENHORITA

ZULMA

FREYESLEBEN

MISS

SANTA

CATHARINA

Photographia posada para "Para todos..." no Itajubá Hotel

Climas

por MARIA EUGENIA CELSO

NEM como amigos, então?...

— Não, meu amigo, nem como amigos. Nós nunca o poderemos ser completamente, integralmente. Impossivel.—Mas porque?...

— Oh! é muito complexo... Da minha parte esse gosto da fantasia, este vicio incorrigivel de imaginação que me faz transformar, mão grado meu, todos os seres em personagens. Não se assuste, nem sempre são de romance... Personagens apenas, comparsas sem grande interesse na maioria, mas creaturas que sem querer, considero de longe, em attitude de observação e com os quaes nunca me misturo. Eu não vivo a vida, creia, vejo-a viver.

Sou uma eterna espectadora. Você, felizmente para você, faz parte dos actores. Não contempla, age.

E' mais excitante.

— Mas nem sempre mais divertido.

— Em todo caso mais natural, mais normal. Depois, ainda ha para tornar muito ficticia a nossa amizade esta minha sêde de absoluta... Não sabe que

O sentimento se é completo
Concentra e apura o seu calor,
Se dividiu em roda o affecto
Só petalas deu, não deu a flôr?...
Eu havia de fatalmente querer a
flôr só para mim e você...

— E eu?...

— Você dá-me a impressão de receiar um pouco todo assomo imaginativo. Acostumou-se ao positivo, gosta delle. Tem medo talvez que eu o venha a considerar como o heróe de um romance que não se sente disposto a viver... Assusta-o o que me póde suggerir de romanesco... Eu não tenho medo da fantasia. Pelo contrario, amo os riscos que faz correr, desejo-os! A fantasia é o meu elemento natural. Como vê, não podemos ser grandes amigos...

Não sômos do mesmo clima.

— Como assim?

— Não conhece o ultimo romance de Maurois, "Climats?..." Uma especie de obra-prima no genero onde se pinta uma adoravel figura de mulher bonita... a mulher que eu talvez sonhasse ter sido... Foi lá que aprendi essa theoria dos climas, que me parece admiravel de exactidão psychologica.

Cada um de nós deve á sua hereditariedade, á sua educação, ao que ha de irreductivel na sua natureza uma certa maneira de conceber a vida, de discernir o bem do mal, de definir a felicidade ou a desgraça a que Maurois chama de "clima" de um ser humano. A gente póde ignorar o seu verdadeiro clima moral, póde mesmo ser attrahida para um outro clima. O que não se póde, amigo, é viver nesse outro clima sem soffrer.

Acontece, ás vezes, que depois de muito soffrimento, a gente se acclimate. E' que um ente mais forte do que nós ou demasiado querido nos impoz o seu proprio clima.

Eu não tive força ou não soube me fazer bastante querida para conseguir arrancar você ao seu clima, nem você vontade de me tirar do meu...

Julga, provavelmente, que se daria mal nesta região de temperaturas excessivas onde o thermometro tem altos e baixos desconcertantes... Eu suspeito que talvez me entediasse na zona temperada a qual teria de me acclimar para ficar a seu lado...

Como vê, o conflicto seria inevitavel.

Nossos climas são oppostos.

Eu vivo numa atmosphera de ficção, você só respira á vontade o ar da realidade...

Antagonismo congenito. Na amizade, como no amor, para durar é preciso existirem affinidades.

— Mas não existem por ventura, entre nós?

— Existem, porém, muito superficiaes. E depois, nós não sômos nunca senhores das surpresas de nossa sensibilidade.

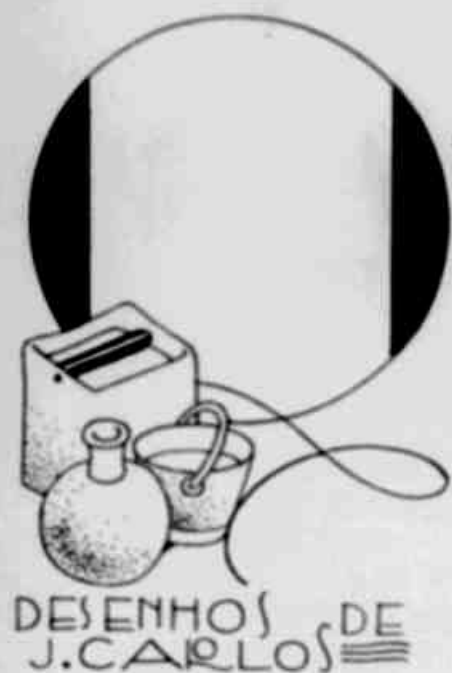
Se, passando para o meu clima, você me ficasse de repente caro demais?...

Seria o drama inevitavel.

O livro de Maurois ahi está para proval-o... Fiquemos cada qual no nosso clima, portanto. Você sahindo, de quando em vez, prudentemente do seu circulo polar para achar intoleravel o calor do meu tropico, eu, condescendendo, em abafar-me em pelliças afim de não me constipar mortalmente quando me arriscar até os seus gelos... Nisso de climas, meu amigo, toda prudencia é pouca! Você bem sabe que se apanha tão depressa uma insolação quanto um pleuriz..."

O morro de São Carlos

DE BARROS VIDAL

DESENHOS DE J. CARLOS

O**UE** todas as bençãos do céo caiam sobre o morro calumniado e todas as forças superiores que nos regem illuminem os destinos dos seus moradores, que lutam de sol a sol, buscando o pão que diminue á medida que augmentam as difficuldades para encontral-o.

Que Deus derrame sobre elles todas as suavidades do seu grande espirito e lhes attenue, com o milagre da resignação, os flagellos da fome, os horrores da sêde e as vigilias do frio. Quem quer que galgue o Morro de São Carlos pelo seu caminho mais accessivel, sente, no fundo do coração, uma emoção estranha porque tudo ali respira uma vaga tristeza e dá a impressão de uma grande desgraça...

Vamos andando e nas casinhas tôscas, sem pintura e sem alegria não se vêem caras, espiando, mas braços estendendo roupas nas cordas improvisadas pelas janellas. Quanto mais se sobe mais sobe na alma da gente uma exquisita melancolia que nos põe nos olhos as côres mais sombrias e no cerebro as mais sombrias idéas... Neste largo trecho que já vencemos não se nos deparou um unico sorriso; encontramos, sim, physionomias tristes e duas lagrimas só...

O Morro de São Carlos não tem historia mas tem alma... Torturada pelos mais rudes dissabores e pelos revezes mais duros, todo o seu rosario de amarguras vale pelas mais cruentas paginas de soffrimento porque desde o seu berço abrigou a desgraça e abriu os seus braços acolhedores para os desgraçados. O morro injuriado não tem uma data historica que se festeje com pompas. Contam-se pelos seus dias as suas grandes datas, as datas em que não poucas vezes a hospitalidade, o amôr ao proximo e a piedade humana se casaram, com a fome, com a miseria e com o infortunio. E é exactamente por isso que sem ter historia o morro de São Carlos é a pagina mais emocionante de toda a emocionante historia da cidade...

Na sua vida paradoxal o Morro de São Carlos teve duas phases distinctas. Berço da capoeiragem, a principio e malandragem, em seguida, da terra carioca, elle durante mais de um quarto de seculo fez tremer de pavôr grande parte da população á simples annuciação do seu nome. E isso bem se explica porque se abrigavam nos seus trechos mais elevados todas as castas de malfeitores que campeiavam no Rio, encastellando-se nos seus pincaros, favorecidos pela imaccessibilidade do morro e por uma dezena de circumstancias com que a Natureza se acumpliciava com elles. Annos a fio subir o morro de São Carlos era para a caravana policial como uma sentença de morte. Os animos mais decididos e as disposições mais heroicas fracassavam ante o inimigo

invisivel que os obrigava a retroceder em retiradas precipitadas, pois um minuto perdido podia ser o preço de uma vida... Com casebres tôscos espalhados pela sua encosta, o Morro de São Carlos era então uma "zona" alijada de todas as idéas de Remodelação, abandonada ao seu destino de valla commum da mais torpe degradação... Mas com o desnovellar dos annos, grande numero de familias de trabalhadores, acossadas pelas mais duras necessidades, movimentaram-se para a elevação de tão sombrias tradições, onde a falta de garantias para uma vida tranquilla compensava fartamente a falta de impostos pesados. E, assim, São Carlos se foi povoando de uma outra gente pobre mas pacata que ali mesmo assistia, apavorada, as scenas brutaes que a todo instante se desenrolavam nos valhacoutos dos criminosos, espalhados por toda a encosta do morro. Em quinze annos a população ordeira dominou-o, deixando aos que ali viviam fóra das leis um limitado espaço, num lento, glorioso e quasi imperceptivel saneamento. Hoje São Carlos abriga ainda regular numero de malandros, mas o forte da sua população é gente pobre, que vive do suor do seu rosto que escorre de sol a sol, na agitação das officinas, no rude labôr das pedreiras e em todos os misteres que o Destino creou para uma parte da humanidade enriquecer a outra parte.

Um dos grandes flagellos que até dez annos atraz torturaram a pobreza conformada do Morro de São Carlos foi a falta de agua. E era a ausencia do liquido precioso que forçava as mulheres ali residentes a offerecer, aos olhos curiosos dos que pelas manhãs passavam pela rua Frei Caneca, um espectaculo curioso. A uma e uma, n'uma extensa fila que se perdia de vista, as latas d'agua rebrilhando á cabeça ao sol forte que as beijava, ellas desciam ás centenas, na triste romaria da séde... E sem precipitações n'uma disciplina nascida da identidade de infortunios ellas, chegando á fonte, paravam e enchiam a lata emquanto a procissão parava. Servida, caminhava e as outras avançavam, assim se desdobrando a manhã das bemaventuradas infelizes... A subida era vagarosa porque o declive exaggerado, exigia uma gymnastica difficil. E uma gotta de agua que se derramasse, era como ouro que se perdesse...

Póde-se affirmar que o Morro de São Carlos tem uma physionomia só porque quasi todas as suas casas são iguaes, suas viellas com os mesmos accidentes e as mulheres parecidas. Voltavamos com essas impressões vivas na imaginação e nos cruzavamos de novo com as duas lagrimas que á nossa chegada mais nos emocionaram.

— Que é que você tem?

— Não tenho nada...

E elle nada tinha mesmo, coitadinho, os pés beijando a poeira eterna, a calça em frangalhos e nu' da cintura para cima.

— Você chorou, por que?

— Coisas da vida...

— E como se as coisas da vida, ali começassem a atormentar as pessoas aos quatros annos elle rematou:

— Não se tem direito a nada!... Conte, então, o que houve!... Elle os olhos de novo inundados de lagrimas:

— Fui lá embaixo com a minha "Gaby" levar uma trouxa de roupa. Tão distrahido fiquei ao atravessar a rua que a "Gaby" ganhou distancia fugindo. Corri atraz della e ao desembocar numa rua aquelles malvados da carrocinha agarraram-na!

E a voz quasi embargada pelos soluços:

— Agora não sei como vae ser. Ella era a minha unica companheira!...

— Arranja outra... arriscamos. E elle, offendido, pondo na phrase um pouco da alma angustiada:

— E' que o senhor não sabe o que é gostar de uma pessôa...

E limpando os olhos com as costas das mãos, sumiu-se no casebre immundo e em ruinas onde ia começar a viver um outro soffrimento, tão grande, talvez, como o da miseria: a funda saudade da "pessoa" querida...

E com esse episodio, vasio de importancia mas cheio de suavidade e ternura, na imaginação, vencemos a pequena ladeira e attingimos a cidade, pensando na felicidade daquella gente que ás vezes não tem pão para comer mas tem na alma grandes subtilezas...

Senhorita Jesuina Pimentel Marinho

MISS MINAS GERAES

DESENHO DE DEL PINO

Miss Bahia

A Colonia Bahiana do Rio de Janeiro offereceu uma festa á senhorita Nair Pedreira de Freitas no Copacabana Palace. Aqui estão dois instantaneos dessa festa bonita.

MISS SERGIPE

A senhorita Nelly de Menezes, Miss Sergipe, antes de partir, patrocinou um festival no Instituto em beneficio do Orphanato Don Bosco, da sua terra. No festival tomaram parte: senhoras Anna Amelia, Bezanzoni Lage, senhorita Adriana Bezanzoni, senhora Maria Mercês Mourão e senhores Hermes Fontes, Gildo Amado, Ernesto Bezanzoni, Rogerio Guimarães (canhoto) e Professor Mello e Souza.

MISS SERGIPE E MISS PARA' NO INSTITUTO NACIONAL DE MUSICA

T H E A T R O

A nova directoria da Casa dos Artistas está decidida a realizar grandes cousas. Preoccupa-a, antes de tudo, a integral execução do programma de beneficencia que é a razão de ser da philantropica instituição, mas assegurando ao invalido por velhice ou enfermidade asylo ou hospitalisação, volta-se enthusiasmada, para a idéa de amparo ao valido em más condições economicas, e para o magno problema do theatro nacional, eternamente á espera de solução.

A iniciativa de organizar, por conta e responsabilidade propria uma ou mais companhias, que representem peças de autores nossos no Rio, excursionando, em seguida, pelos Estados, é das mais felizes e merecerá o applauso de todos. Na verdade, o que falta ao nosso theatro é organização, e o labor perseverante de uma força que se não adstrinja a interesses commerciaes immediatos, tenha, antes, caracter accentuadamente constructivo. Essa força póde ser muito bem a Casa dos Artistas que lança mão do seu proprio prestigio e escuda a iniciativa patrioticamente, collocando-a sob o patrocinio do Club dos Bandeirantes. E' que a Casa vae realizar um esforço caracteristicamente bandeirante. E' bem uma bandeira essa companhia que vae formar, e que será seguida de outras semelhantes, contando, porém, não com obstaculos a todo o instante levantados por uma natureza bravia e selvagem, mas com a acolhida amiga que lhe dispensarão os elementos asseguradores do exito, o publico e os poderes publicos.

Não existindo, ainda no nosso paiz, um instituto official que cuide do theatro — como seria, por exemplo, o Conselho Nacional de Theatro, idéa convertida em projecto de lei, dormindo na Camara de Deputados—nota-se, todavia, boa vontade, por parte de governos locaes, que concedem auxilio pecuniario a "troupes" honestamente organizadas.

Conta com essa boa vontade a Casa dos Artistas, raciocinando que se a particulares não se negam subvenções, transporte e varias regalias, muito menos as negarão a uma instituição que realiza obra benemerita e patriotica. Parece que não se acha em erro, tanto mais que suas tradições valem já, no Brasil, por uma bella força moral, prestigio que lhe advem pela execução que vem dando ao seu programma, o que a torna um instituto unico em todo o mundo.

E esse vae ser justamente o maior esforço da actual directoria, utilizar essa força em larga escala, fazel-a produzir muito, o maximo, para bem da gente de theatro, para bem do theatro, para bem da communidade de que é parte integrante. E tudo conseguirá se tiver o apoio franco, enthusiastico dos directamente interessados. E' preciso que os artistas theatraes collaborem com a directoria, auxiliando pelos meios ao seu alcance todos os emprehendimentos, sendo certo que cada um representa um valor inestimavel e todos juntos uma força irresistivel.

MARIO NUNES

OLEGARIO MARIANNO

Autor da revista "Laranja da China", que está fazendo um successo immenso no Recreio, muito bem vestida pelo emprezario Antonio Neves e muito bem musicada por Ary Barroso e Joubert de Carvalho. Tem até um scenario de Luiz Peixoto. E tem interpretação notavel de Aracy Côrtes, Ivette Rosolen, Lydia Campos, Olympio Bastos e Palitos. Olegario Marianno provou que os poetas tambem sabem escrever para o grande publico.

(Caricatura de Di Cavalcanti)

ENLACE SENHORINHA FLORA ALVES CAMARGO-DR. BENTO MUNHOZ DA ROCHA
— CURITYBA —

CHA NO CLUB DOS BANDEIRANTES EM BENEFICIO DA CAIXA ESCOLAR DO 8.º DISTRICTO

CHA NO CLUB DOS BANDEI-
RANTES EM BENEFICIO
DA CAIXA ESCOLAR DO
8.º DISTRICTO.

Gallinha cega

(FABULA)

" Bebe como um gambá "
(Dito da gente)

João Alphonsus ESCREVEU
Di Cavalcanti DESENHOU

Na manhã sadia, o homem de barbas poentas, enthronado na carrocinha, aspirou forte. O ar passava-lhe dobrando o bigode hirsuto como um milharal. Berrou arrastadamente o pregão mollengo:

— Frangos BONS E BARATOS!

Com as cabeças de martyres enfiadas na téla de arame os bichos piavam num protesto. Não eram bons, não eram baratos. Queriam apenas que os soltassem. Que lhes déssem a liberdade de continuar ciscando no terreiro amplo e longe.

— Psiu!

Foi o cavallo que ouviu e estacou, emquanto o dono terminava o pregão. Um bruto homem de barbas brancas, na porta de um barracão, cavava o ar com o braço enorme.

Quanto? Tanto. Mas puzeram-se a discutir os preços. Não queriam chegar a um accordo. O vendedor era macio. O comprador brusco.

— Olha esta franguinha branca. Então não vale?

— Está gordóta. E que bonitos olhos ella tem. Pretótes... Vá lá...

O homem de barbas poentas enthronou-se de novo e continuou gritando pela rua que acordava:

— Frangos BONS E BARATOS!

Carregando a franga o comprador satisfeito penetrou no barracão.

— Olha, Ignacia, o que eu comprei.

A mulher tinha um continuo descontentamento escondido nas rugas. Permaneceu calada.

— Olha os olhos. Pretótes.

— E'.

— Gostei della e comprei. Garanto que vae ser uma bôa gallinha.

— E'.

No terreiro, sentindo a liberdade, a franga sacudiu as pennas e começou a catar afobada os bagos de milho que o novo dono lhe atirava divertidissimo.

* * *

A rua era suburbana, calada, sem movimento. Mas no alto da collina dominando a cidade que se estendia lá em baixo cheia de arvores no dia e de luzes na noite. Perto havia um matto de pitangueiras, onde as gallinhas podiam flanar á vontade e dormir á sésta.

A franga não notou differença entre a nova vida e a do seu torrão natal distante. Muito distante. Lembrava confusamente ter sido embalada com companheiros mal humorados. Carregaram elles assim a trouxe-mouxe para um gallinheiro sobre ródas, comprido e distincto, mas sem poleiros. Não tiraram ella do balaio, como esperava. Houve um grito lá fóra, formidavel e lancinante. As paizagens começaram a correr nas grades, emquanto o gallinheiro todo se agitava, barulhando e rangendo por baixo. Rôlos de fumo rolavam com um cheiro paulificante. De longe em longe as paizagens paravam. Mas, novo grito e ellas de novo a correr. Na noitinha sumiram-se as paizagens e appareceram fagulhas. Milhões de luzinhas. Um fogo de artificio como nunca vira. Que lindo! Que lindo! Adormecêra numa enjoada madórna...

Viera depois outro dia de paizagens apressadas. Dia de sêde e fome...

Mas, agora, a vida voltava a ser bôa. Não tinha saudades do torrão natal. Possuia o bastante para sr felicidade: liberdade e milho. Só o gallo, ás vezes, v nha perturbal-a incomprehensivelmente. Sujeito cacete! Já lá vinha elle, elegante, com plumas bonitas. Não tinha duvida que era bem bonito. Já lá vinha...

* * *

— A melhor gallinha, Ignacia! Bôa á bessa!

— Não sei por que.

— Você sempre bêsta! Pois eu sei..

— Bêsta! bêsta, hein?

— Desculpe, Ignacia. Foi sem querer. Tambem você sabe que eu gosto da gallinha e fica me amollando...

— Bêsta é você!

— Eu sei que sou.

* * *

A gallinha, coitada, não comprehendia nada, nada daquillo. Por que não vinham mais os dias luminosos em que procurava a sombra das pitangueiras? Sentia o calor do sol, mas, tudo sempre tão escuro. Ouvia o ruido do milho, espalhando-se no chão. Mas não via os bagos e estava zonza, zonza de fome.

E, certa manhã, quando abriu os olhos, os abriu sem vêr nada. Tudo em redor estava preto. Mas as outras gallinhas desciam do poleiro, cantando alegre. Ella, coitada, deu um pulo no vácuo e foi cahir no chão invisivel. Estendia inutilmente o pescoço para passar além da sombra. Queria vêr! queria vêr!

As mãos carinhosas do dono agarraram-lhe.

— A coitada está cega, Ignacia! Cega!

(Termina no fim do numero)

A Independencia da Polonia

No dia 3 de Maio, commemorando o anniversario da Constituição de 1791, o senhor doutor Thadeo Grabowsky, ministro da Polonia no Brasil, recebeu á tarde na Legação e á noite offereceu um banquete no Hotel Gloria ao senhor Ministro das Relações Exteriores, Doutor Octavio Mangabeira.

A'
MISS
AMAZONAS

Os Amazonenses que vivem na terra carioca offereceram á sua encantadora Miss uma noite de arte no Instituto de Musica.

EDNA
FRAZÃO
RIBEIRO

Miss Amazonas ouviu poesias e ouviu musica dita, tocada e cantada por patricios lá do fim do Norte.

EDNA:

Tantos já te saudaram ! Tantos te saudarão ainda ! E sempre foram, é provavel que sempre sejam — oh ! este conforto para a minha humildade, este alento para a minha timidez ! — claras e sonoras as palavras dos teus acclamadores. E' que as imagens desabrocham, abundantes e raras — duplo fascinio paradoxal ! —, na imaginação de quantos te contemplam. Fazem-se poetas, ao influxo de tal deslumbramento, aquelles que tinham a triste vaidade de ver o mundo e de observar a vida taes quaes precisamente são. E os que mereceram dos deuses a suprema graça de não surprehender a dolorosa realidade das coisas, os que — assim cégos, assim divinos — adquiriram o poder mirifico de crear, sentem que lhes crece o estranho sortilegio, diante da apparição maravilhosa.

Brosla-se de flores teu caminho. São teus gestos sublimes harmonias, e tuas attitudes cantos que se crystallizam, mas ficam saturando para sempre o ar, de rythmos sagrados. E's uma symphonia que se prolonga indefinidamente, mas — formoso milagre ! nunca se repete; que guarda dentro de si, para o prodigio das variações infinitas, a inviolabilidade fecundissima de um motivo eterno.

Tens o genio dos genios, tens o genio da belleza, aquelle sem o qual nenhum dos outros jámais existira. Marulha dentro de ti — ouço-o bem ! — a fabulosa fonte da inspiração. E' impossivel que algum espirito permaneça esteril, depois de borrifado por essa lympha creadora. Turbilhonam forçosamente na luz que te circumda, germens indestructiveis de todas as perfeições imaginaveis. E's a propria perfeição, omnimoda e irradiante, que a tudo se transmitte, a tudo envolve, numa especie de anseio de communhão universal. E só porque acredito religiosamente na força de transfusão da belleza, ouso falar-te, ouso communicar-te aquillo que o Amazonas faz questão, hoje, de te dizer, em meio á glorificação mais digna de ti — a de uma festa de arte onde apenas conterraneos teus (que formidavel "apenas") vão figurar numa demonstração do mais justo, do mais alto, do mais lucido regionalismo.

MISS AMAZONAS

Cattleya

Pagina de Benjamin Lima, dita magistralmente pela senhorita Nênê Baroukel, na festa de arte que os amazonenses promoveram em honra á "Miss Amazonas", no Instituto Nacional de Musica.

Edna ! Tua terra quer agradecer-te a integral rehabilitação que te deve. Possuia a pobre — sim, pauperrima, devido ao excesso das riquezas que a opprimem, acabrunham, esmagam — nitida consciencia de quanto o resto da nacionalidade a ignora, de quanto, consequentemente, a calumnia, nem sempre por meio de palavras, mas por meio de intenções, de desconfianças, de suspeitas, infinitamente mais ultrajantes. Crêm-na muitos brasileiros, grandes conhecedores de todo o universo, habitada por gente cuja inferioridade se manifesta de todos os modos: pela pigmentação da epiderme, pela grosseria das feições, pela rudeza do trato, pela primitividade da intelligencia. Suppoem-na um Brasil á parte, um Brasil inconfessavel, tão dominado pelas selvas que não pódem lá penetrar as claridades da cultura, tão lavado pelas aguas do maior dos rios que lá se não pódem fixar as sementes da civilização. Terra em que se perpetúa o cahos anterior ao "Fiat". Gente em quem o homem das cavernas sobrevive.

Mas vieste, e a primeira surpresa produziu-se. Sabem agora todos que até no coração da Amazonia se vae aperfeiçoando physicamente a nossa raça, não por effeito dos devaneios scientificos da eugenia, mas sob a exclusiva influencia daquelle meio, onde, a despeito da immensidade que o caracteriza, parece não haver logar para os sêres e para as coisas totalmente destituidas de encanto. Sabem todos agora que nem tudo eram fantasias e delirios de "folk-lore", na lenda fascinante da Yára — alma do rio como a sereia deve ser a alma do oceano... Amazonide gentil, não te perturbaste, Edna, em face do mar. E tua seducção não decresceu, na hora em que, affrontando, com bravura tranquilla, um terrivel contromio, ao grupo te incorporaste das Oceanides.

Milagre attrae milagre. Irá mais longe a acção benefica para o Amazonas, de tua presença nesta cidade, onde todos os Brasis se reunem e condensam. E' que ella vae ser o ambicionado ensejo de se ostentarem aqui alguns indices do progresso artistico, da evolução cultural, da intensa vida emotiva, lá existentes. Duas vezes maga — pela perfeição de tua estatuaria, e pelas suggestões que ella esparge —, ficarás com a gloria de ter duplamente engrandecido a longinqua terra idolatrada.

Sim, gloria, e maior ainda porque a tua belleza, comquanto não exceda a de tuas competidoras nesse prelio inolvidavel, algo possue que a torna inconfundivel. E' que ella parece ignorar-se, ter medo, até, de plenamente conhecer-se. Personificas uma Venus inedita, para mim de um encanto suavissimo: a Venus absorta, a Venus melancolica. Dás-me a impressão de estar perpetuamente exilada de ti mesma, e soffrer, assim, a mais singular das nostalgias. Ora, a maior caracteristica da belleza commum é uma alegria que a faz provocadora, aggressiva quasi. Não desafias, Edna: enterneces. Parece que absorveste a tristeza daquelle mundo exaggeradamente grandioso em que nasceste. Mas essa tristeza espiritualiza-te, enche-te de uma serenidade envolvente e confortadora, e és porque paradoxalmente me alegra. Dir-se-ia que estás perennemente sob um "abat-jour". E' a penumbra que te não deixa, das florestas amazonicas. E' uma projecção fiel da sombra onde desabrochaste — oh ! Cattleya do Amazonas, flor de Linda conformação, flor triumphal, cujo matiz, de um lilaz profundo, constitue, entretanto, todo um perturbador poema de melancolia...

ESPELHO DE LOJA. E' um titulo bonito. E' um titulo de mulher. Pois foi assim que Alba de Mello chamou ao seu livro de chronicas. Alba de Mello é a nossa Sorcière, das paginas de Elegancia. Escrever elogios sobre ella ficava feio. Não elogiamos Espelho de loja. Quem já leu o livro sabe como elle é agradavel. Quem não leu ainda trate de ir procural-o em qualquer livraria. Aqui vae uma amostrinha neste "Cá e lá":

"Por uma bella e luminosa tarde, quando a Avenida regorgitava de graças, beldades e... "babauds", deparou-se-me um amigo que, de quando em vez, deixa as suas plagas nortistas para apreciar e absorver as cousas que a civilização carioca importa dos grandes centros estrangeiros.

— Contempla as mulheres ? indaguei.

— Sim...

Resposta tão laconica, atiçou-me a curiosidade, e, de mim para mim, pensei que, para confessar os homens, basta a disfarçada perversidade das mulheres. Não tardou, pois, que obtivesse o porquê da resposta do monosyllabico cavalheiro, de cuja linguagem desenvolta e colorida ainda eu me não dehabituára.

ALBA DE MELLO

autora do livro

ESPELHO DE LOJA

●

— Da ultima vez que aqui estive, disse-me elle, dia a dia, hora a hora, minuto a minuto, crescia-me o espanto á vista da exaggeração que as mulheres desta bellissima Sebastianopolis punham nas modas. Aos homens é sempre agradavel desvendar as cousas que a esculptura nem sempre reproduz, mas que as vestes modernas deixam perceber tão "d'aprés nature". Foi, pois, tonto de seducções, que voltei ao aconchego da terra natal, a repousar os olhos cheios de cobiça, na doce castidade da paysagem e nos costumes da provincia.

— E dahi...

— Volto desanimado. A moda entrou damnadamente pelas casinholas da capital do meu Estado, poetica cidade, onde ainda alvejam toalhinhas de "crochet" e laços de fita no espaldar das velhas poltronas de jacarandá, e as hastes do cheiroso bogary emmolduram as janellas. As minhas conterraneas modernizam-se tanto, que deixam a perder de vista as super-civilizadas cariocas, fieis observadoras dos complicados preceitos da moda.

Neste ponto, appareceu reluzente grupo de risonhas melindrosas, e o meu amigo correu-lhes ao encontro, a physionomia illuminada e chapéo na mão. E eu, é por aqui o meu caminho. Lembrei-me, então, de ter lido nos jornaes um protesto das senhoras de Capivary contra as nossas exaggerações da moda."

Em Nictheroy, na casa do Dr. Ribeiro de Almeida: festa á Miss Brasil e á Miss Fluminense

NA FESTA DO GAVEA GOLF AND COUNTRY CLUB

A

MISS BRASIL

Senhorita Olga Bergamini de Sá entregando a taça aos vencedores

Os cavalleiros do polo: os Fuzarcas e os Curupiras

OLGA BERGAMINI PARTIU

Quando Miss Brasil deixava a terra carioca

ACOMPANHA MISS BRASIL AOS ESTADOS UNIDOS, COMO REPRESENTANTE DE "PARA-TODOS", O NOSSO QUERIDO COMPANHEIRO ADHEMAR GONZAGA

No Botafogo F. C., terça-feira, quando foi o chá de despedida de Miss Brasil em beneficio do Externato São José, para creanças pobres, annexo ao Collegio da Divina Providencia dirigido pelas Irmãs Vicentinas.

Fim de mandato

O nosso collega e collaborador M. Paulo Filho, illustre director do "Correio da Manhã", deixa segunda-feira proxima o cargo de presidente da Associação Brasileira de Imprensa, para o qual, a 15 de Abril do anno passado fôra unanimemente eleito, tendo, assim, com applausos geraes, cumprido até o fim o seu honroso mandato.

De como se conduziu esse brilhante escriptor e jornalista distincto na chefia dos destinos da Associação, no periodo administrativo de 1928—1929, melhor do que nos diz a propria Associação, que, em sua ultima Assembléa de 17 de Abril ultimo, o reelegeu tambem unanimemente para membro do seu alto Conselho Administrativo.

M. Paulo Filho deu á Associação o relevo que ella merece, trabalhando com amor, com carinho e com enthusiasmo, pela causa duma instituição de classe muito mais de fins puramente beneficentes, conforme o seu bello e nobre programma de fundação em 1908, quando Gustavo de Lacerda a imaginou e a realizou.

A directoria, que M. Paulo Filho presidiu e que com elle encerrará o mandato, compõe-se dos não menos illustres e brilhantes jornalistas: Alfredo Neves, Oswaldo de Souza e Silva, Oscar Sayão, Angelo Neves, Martins Alonso, M. Nogueira da Silva, Ulysses Brandão, D. Mercedes Dantas Pereira Rego e Sizinio Rodrigues.

M. Paulo Filho

Um livro bom

E' "Uma Politica de Immigração", de Carlos Martins, consul do Brasil na Hollanda, de Carlos Martins, escriptor de idéas claras e que sabe dizel-as com elegancia. A vida no estrangeiro deu ao autor, observador finissimo, o assumpto de paginas uteis á nossa terra, para o seu desenvolvimento material. Mas "Uma Politica de Immigração" dá tambem ás creaturas amorosas dos livros bem feitos o prazer da leitura do artista escondido no funccionario exemplar que é Carlos Martins.

S O C I E D A D E

Dona Laurinda Santos Lobo, pelo seu esp'rito e pela sua grande bondade de coração, é uma das figuras de maior prest'gio do nosso "grand monde".

Por isso, sabbado ultimo, d'a de seu anniversario, o Palacete Murtinho, em Santa Thereza, encheu-se de gente elegante que ia cumprimental-a.

A residencia Santos Lobo tem um dos mais bellos inter'ores do Rio de Jane'ro.

Um gosto infin'to presid'u á decoração, e a disposição dos move's e dos quadros, entre os quaes se destaca um magnifico quadro de Guérand de Scevola, verdade'ro "chef-d'œvre" que mostra a technica maravilhosa do grande mestre.

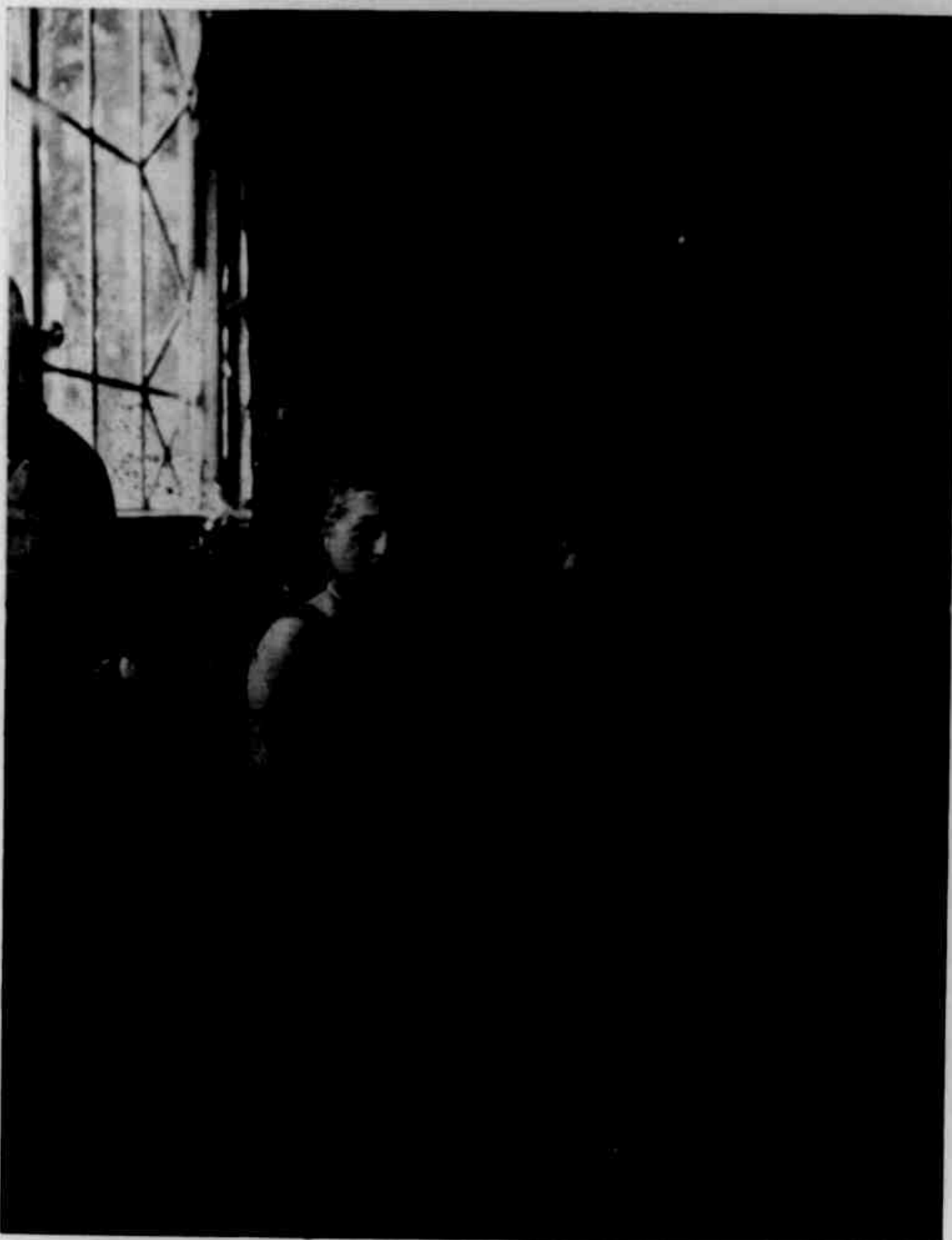
O Salão Azul, o Salão Rosa e o Salão Vermelho são attestados do extraord'nario bom gosto de Dona Laur'nda.

Sente-se que uma fada andou por ali, com sua varinha mag'ca, a combinar as côres com uma harmonia rara.

Os "abat-jours" e as almofadas são os ma's bellos que possam existir.

Telas preciosas ex'stem em todas as peças. Dona Laur'nda presid'u a tudo, organizou tudo, d'spoz tudo.

A recepção de sabbado foi elegantis's'ma. Entre outras pessoas: Sr. e Sra. Antonio Azeredo, Sr. Estac'o Coimbra, Sr. e Sra. Flav'o da Silveira, Sr. e Sra. Juvenal Murtinho, Sra. Fernando de Magalhães, Sr. e Sra. Oswaldo L'ndgren, Sr. e Sra. Jorge Murtinho, Sr. Elys'o do Couto, senhorita Zizi Nuno de Andrade, senhor'ta Simone Levy, Sr. Carlos Murtinho, Augusto Drummond, G'lberto Trompowsky, etc.

● Domingo ultimo, foi o primeiro dom'ngo elegante da estação. O "Gavea Golf" offereceu uma recepção á "M'ss Bras'l" e ás "misses" estaduaes. Lá estavam: Sr. e Sra. Almirante Penido, Sr. e Sra. Paulo Serrado, Sr. e Sra. A. de Miranda Jordão, Sr. e Sra. Mac Neil, Sr. e Sra. Paulo de Bethencourt, Sr. e Sra. Fernando Nabuco de Abreu, senhor'tas Mar'a Elisa e Beatr'z Dutra, Lia de Souza e Silva, Celina de Ciçone Portocarrero, Viv'nha Penido, etc. Srs. Lu'z Menezes, Joaqu'm Proença, Barão de Thénard, Armando Serzedello Corrêa, Marcello Castello Branco, João Augusto e Oswaldo Penido, Renaud Lage, etc.

DONA LAURINDA SANTOS LOBO

● ● ● ● ● ● ● ● ● ● ● ● ● ● ● ● ●

Depois o Country Club, em Ipanema, esteve agradabil'ssimo.

O "Country" será, talvez, o ponto de reunião ma's elegante deste inverno. Entre os presentes estavam:

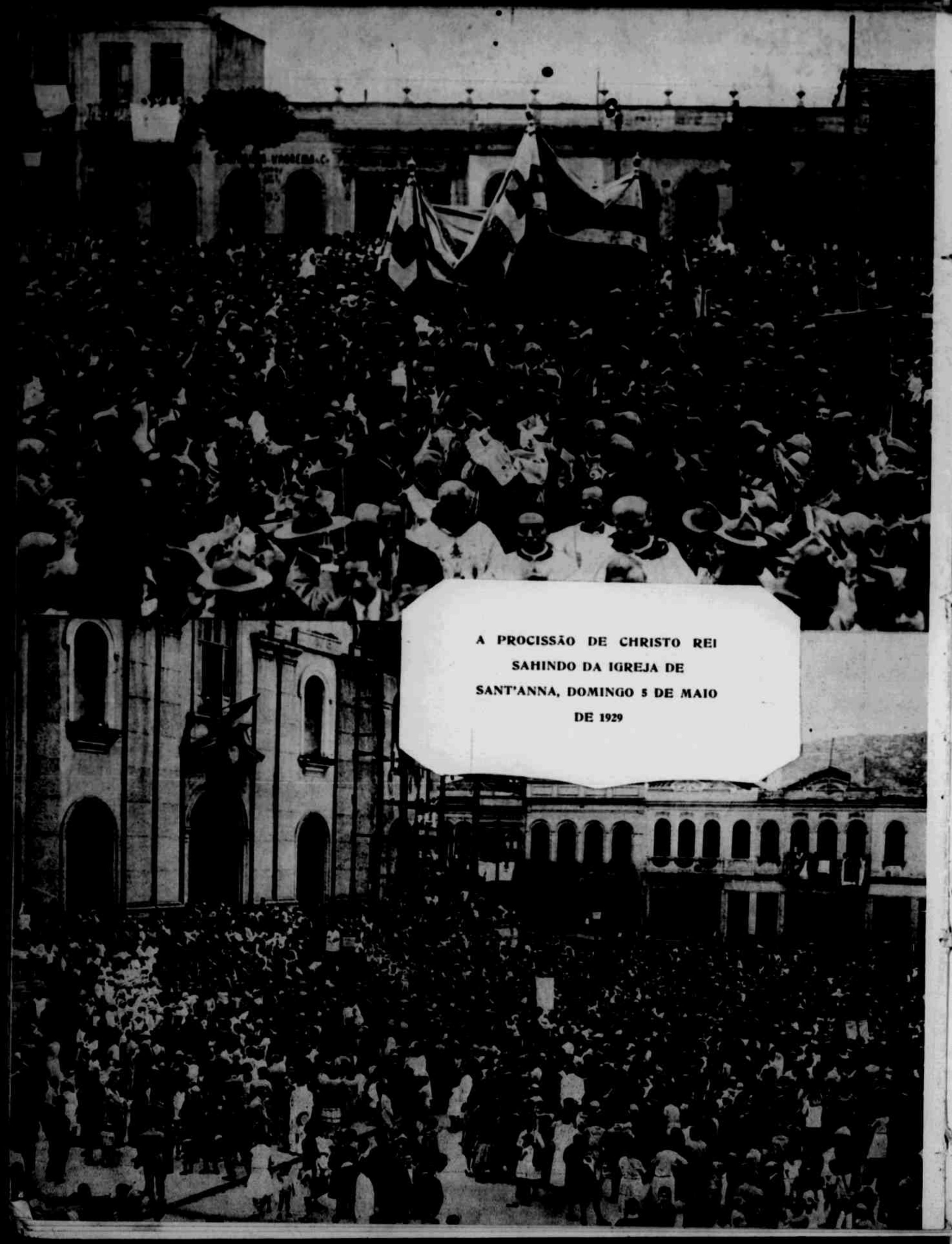
Sr. e Sra. Cesar de Mello Cunha, Sr. e Sra. T. Hargreaves, Sr. e Sra. Luiz Machado Gu'marães, Sr. e Sra. Ignacio Nogueira, Sra. Augusto Belfort Roxo, senhoritas M. Teixe'ra Soares e Vera Roxo, Srs. V'ctor Cunha, Octavio Re's, T. Xanthaky, Victor Coelho, Teixe'ra Soares, etc.

VICTOR VICTORINO

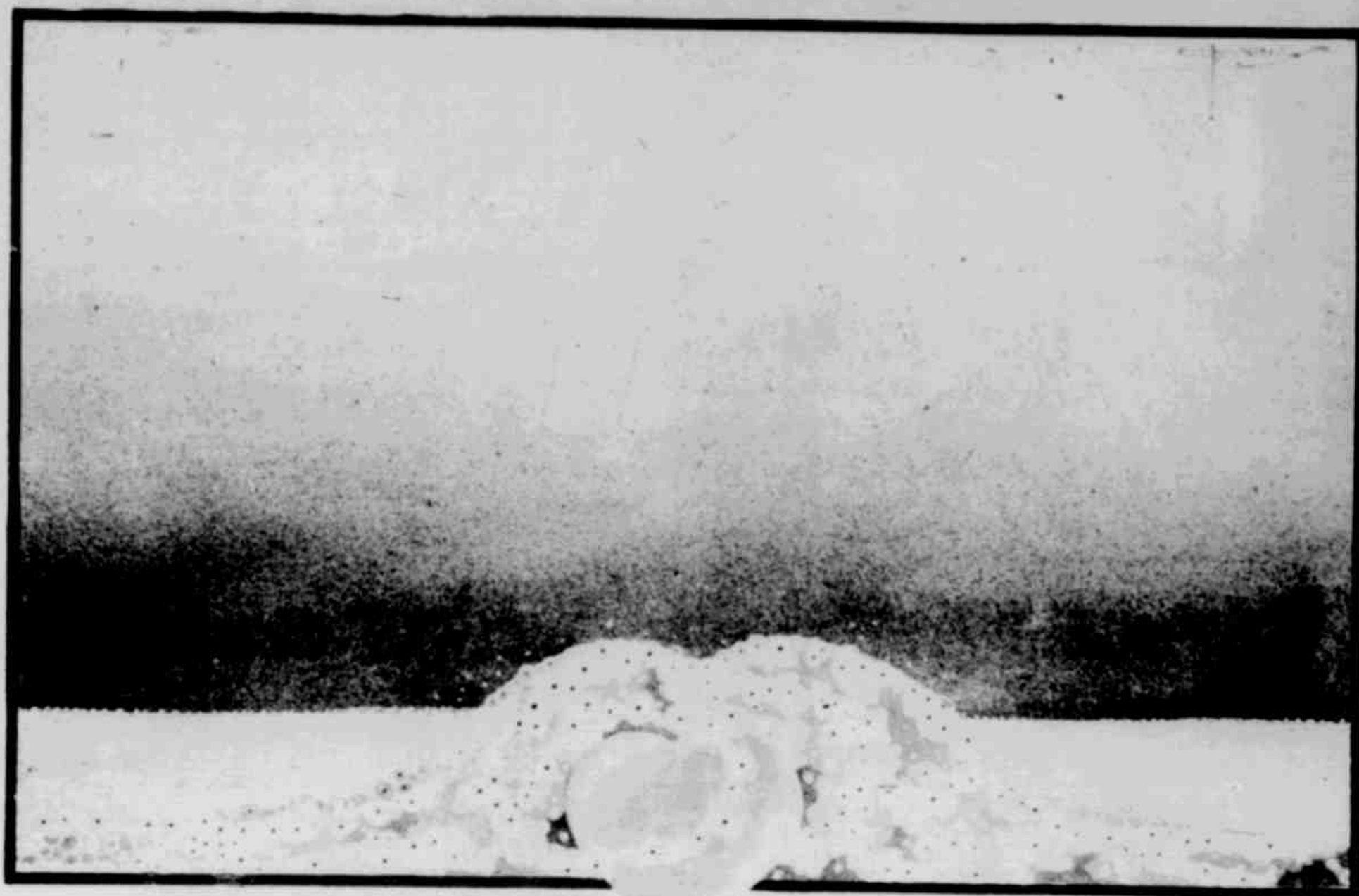
"Para todos..." publica, sabbado que vem, uma linda pag'na que a senhorita Didi Ca'llet, Miss Paraná, escreveu para a revista que foi quem a adivinhou, ha um anno, quando ella fez o seu rec'tal no Theatro Casino.

E por falar em "Para todos...": as nossas tiragens nas ult'mas semanas, apezar de augmentadas de 50 mil para 73 mil exemplares, desappareceram dos pontos de jornaes ás primeiras horas.

CHA' DAS BONECAS

. NO BOTAFOGO F. B. CLUB

M i s s P i a u h y

Festa da senhorita Antonia Areia Leão, Miss Piauhy, na casa do deputado Joaquim Pires, em Santa Thereza

A PROCISSÃO DE CHRISTO REI
SAHINDO DA IGREJA DE
SANT'ANNA, DOMINGO 5 DE MAIO
DE 1929

TRANSFIGURAÇÃO

Chorei Tenho a alma leve, alma-creança,
Alma que não tem nada dentro d'alma.
Depois do temporal vem a bonança,
Depois de tanta dôr vem tanta calma.

Um céo sem nuvens sobre mim se espalma...
Passa a vida sorrindo bôa e mansa.
No meu jardim ha uma arvore que dansa,
Abrindo ao vento as palmas, palma a palma.

Alegria! Alegria! Eu te bemdigo!
Luz de quem nada vê, pão do mendigo,
E's saborosa como um bago de uva.

Hoje, livre das sombras do passado,
Sinto o meu coração transfigurado,
Como um campo a florir depois da chuva.

•OLEGARIO MARIANNO•

Illustração de J. Carlos

• QUE • MISERIA, • MEU • AMOR •

Mais de uma vez repára nos laços tristes que o destino se entretinha a urdir entre o meu coração e o de Córa. Não nos encadeavam nunca as luzes dos salões de festa, o lampejo das taças, as grinaldas das noites de baile. A fatalidade caprichava, no mysterio de suas teimas, em nos enlaçar dentro de uma corôa funebre; e sempre tive de beijar a sua mão vestida de luva preta, roçagando asperezas de crepe, e bebendo-lhe o olhar vidroso das missas de setimo dia. Quando pela primeira vez notei a successão lugubre dessas coincidencias, descobri um bando de borboletas que me foram carregando dos presagios de suas azas negras, e tudo esmoreceu na minha vida, logo toldada da vaza das superstições que me subia lá do fundo da infancia, nervosa de pavores e de sonhos. Mas, era tão penetrante a formosura de Córa, tão delicioso, por cima das rendas, o toque de leite e rosa de seus braços, invencivel a doçura má de seus olhos de serpente, que as borboletas do ruim agouro se sumiram depressa. Sumiram-se porque fechei os olhos para renovar a sensação das suavidades daquella cintura, e recompôr mil vezes, reconcentrando-me no gosto de excruciar saudades, a scena daquelles contactos de um instante.

— E não morre mais ninguem da familia de Córa! — deplorava eu noite e dia, suspirando pelas cerimonias das missas funebres que me emprestavam a illusão de possuil-a num abraço demorado, que ella agradecia com um langor subito dos olhos metallicos, um abraço que os estranhos talvez considerassem como os que se prolongam calculadamente n e s s a s occasiões, para se dar a sentir aos parentes do finado que tambem compartimos do luto de toda a familia, mas abraço que era para mim um descollar do coração.

Rebellava-me á idéa de vel-a apenas pelos desvãos das naves, ou ao pé do altar, tropeçando nas almofadas de ajoelhar, e refluindo melancolica na corrente do desfile dos amigos e parentes de seus mortos, que a empuxavam.

— Córa, acaba com isto, e vem ver-me hoje ao menos... Estou tão perto de tua casa!

— Mas que loucura é esta que te accommetteu? Não sabes que a cada momento elle telephona? D. Adelaidinha está lá dentro, e o sogro ali na varanda, lendo o jornal...

O dialogo não se dilatava muito mais do que isto. A sogra, ou o velho, se approximava, a indagar com quem falava, ou ficavam os dois á escuta, de queixos tremulos, e babando de curiosidades irritantes, que nos espavoriam as esperanças. Era assim mesmo, era sempre assim mesmo, porque lá vinha a simulação de sempre:

— Nós todos vamos bem Nair! A mãesinha está aqui a meu lado e te manda saudades... Apparece, que estás devendo visita.

Eu deixava o telephone de punhos crispados, e rangia o estribilho:

— E não morre mais ninguem da familia de Córa!

Dizia isto pensando nos velhos que babavam de curiosidade, e viviam, e mais o ciumento do marido, a vigial-a. Mas, naquella tarde de desvairamento os céos me ouviram. Não tive de esperar muitos dias, que dali a tres ou quatro ella lagrimejava pelo fio, de voz quente e abafada pelas baetas da bocca:

— Minha sogra, minha mãesinha morreu! Estou triste, muito triste, e elle anda pelo jardim, louco varrido de dor. Hoje sim, tu pódes vir... á noite...

Quiz ir bem tarde, para não encontrar muita gente, de modo que era já o antegozo de vel-a a volupia com que cortava risonho as azas da afflicção, que fremiam para que eu voasse. Ali por volta das onze horas transpuz o portão do jardinzinho de Córa. Com que despejo o fiz, delirando da victoria da impunidade com que me premiava a morte! E pensar que nos outros dias espiava de longe aquella casa, e pisava as pedras da calçada fronteira com o passo cauteloso e surdo dos ladrões tarados, temendo atravessar a rua, como se tudo fosse propriedade alheia, e todas as casas dependencias da casinha de Córa! Então, presentia a visinhança curiosa que me fisgava os olhos pelas taboinhas das venezianas, e escutava então as pedras que se desuniam, bolindo de extremo a extremo, e clamando num côro: "Tu? mas que fazes tu por aqui, miseravel?"

Que cousa magica e bemdicta que era a morte! Ainda agora todos me tinham falado de outro modo: "Elle vae ver a velhinha que morreu!" annunciava a visinhança. "E' ali, naquelle primeiro portão a casa de Córa..." ensinavam-me todas as pedras. Como os seres e as cousas se embrandeciam para me acolher! E até dentro na sala mortuaria, vendo D. Adelaidinha estendida entre o estremecimento de duas chammas, cuidei que ella se ia remexer na prancha em que a metteram para me avisar lá de baixo do lenço que lhe velava os pergaminhos do rosto cyanosado: "Entre que esta casa é sua porque é de meu filho... não lhe esqueça rezar um pouco pela velhinha que morreu!"

Sentei-me aos pés do cadaver, procurando atar o espirito á mortalha para que cahissem da lembrança as imagens de Córa, que me avermelhavam como um estandarte á frente de todos os pensamentos. As duas chammas se aguçavam, lireitas para o alto, no anseio de se desprenderem do pavio, mas oscillando depois, abatendo-se em desanimos de bruxoleios tetricos, lambendo o rendilhado da cêra dos bordos, e tomando haustos por fim, e crepitando impacientes, a me dizerem que já estavam cançadas de arder. Declinei a vista sobre a defunta e lhe reconheci o vestido de seda raza da ultima missa, da do seu irmão. Mas os sapatos eram novinhos em folha, e com o numero 37 gravado no bico das solas. Sommei os numeros mentalmente: trinta e sete e trinta e sete, setenta e quatro! Quem sabe não era esta a edade de D. Adelaidinha? E ia dirigir-me a alguem da sala, para perguntar com quantos annos a velhinha passara, quando ouvi de um angulo:

— Pobre Córa! Lá vae ella abraçada ao marido, que ha tres noites não sabe o que é dormir e soffre tanto!...

Era uma senhora dos arredores, intima da casa, que suspirava essas lamentações, lobrigando a mulher lá em baixo, no corredor, a amparar os passos bambos do marido.

— Vae lá, vae Sinhasinha... Lembra o que o medico já disse... O doutor precisa dormir...

E Sinhasinha, levantou-se em pontas de pé, deslizou pela sala e foi levar a recommendação. Cahiu tudo em silencio, um silencio que ainda se rasgava, quando um individuo escaveirado e alto, destacando-se da roda como uma sombra, se abeirou da defunta, arrumando-lhe os nós dos dedos encarquilhados. Soergueu a ponta do lenço que cobria a mascara horrivel, olhou longamente aquellas feições frias de mumia, e observou:

— Tão quietinha que ella está! — parece que vae dormindo!...

— Não está roxinha, não? — indagou uma voz afflicta.

— Se estiver, passe um pouco de algodão com ether que é muito bom... — consolou outra voz.

— Agua de Colonia tambem serve... — lembrou uma velhota remexendo as contas do rosario.

— Ora, a D. Adelaidinha! Ella afinal descançou! O pobre do velho é que ficou neste mundo, sem a companheira fiel de sua mocidade e de sua velhice! O velhinho não vae resistir muito... — conjecturou a ultima voz.

Todos tinham falado. Era preciso que eu tambem desabafasse um pensamento. Murmurei:

— E Edmundo? Como não ha de padecer esse rapaz, apezar dos desvellos de D. Córa!...

Depois disso senti haver conquistado o direito de levantar-me um pouco, de ir até ao jardim, e de fumar sem desrespeito das conveniencias. Demais, a velhinha não me havia dito que entrasse, que a casa era minha, por que era do filho? Decidi-me. A' porta da saleta de espera encontrei o medico da familia, que voltava a ver o Edmundo. Foi só então que ella appareceu, recebendo-me o abraço, e tranquillizando-me de voz doce:

— Sei que chegou ha mais de meia hora... Perdôe, sim? Mas Edmundo está tão abatido, que eu não tenho cabeça para nada...

E voltando-se para o medico:

— Doutor, Doutor, faça Edmundo dormir um pouco, que elle me afflige mais do que a morte da mãesinha!...

O medico recommendou-lhe calma, sim, muita calma, era o de que necessitava Córa, e quanto a Edmundo estivesse socegada, que elle ia dormir, que era a cousa mais facil desse mundo, esclarecia, porque no organismo debilitado até meia empolla bastava... Entramos os tres no quarto onde elle tranzia, mudo de dôr. Emquanto o medico lhe preparou a injecção de dormir, Córa não me desfitou os seus olhos de serpente, que tinham naquella noite uma expressão intraduzivel de apprehensões e ternura, de sobresaltos e esperança. Picaram-lhe o braço do marido. Um gemido flebil, um longo instante de silencio, algumas palavras desconexas, e já inaudiveis, e o rapaz adormeceu.

— Que lhe dizia eu? — indagou o da agulha. Veja só que somno ferrado! E o velhinho, como vae elle?

— Continúa a tossir muito e anda apalermado como á tardinha. Não diz nada e fica arquejando, com a mão mettida no peito, e cáe depois naquella prostração, branco, tão branco que é de metter medo, Doutor...

— E' doloroso, D. Córa, muito doloroso, mas não me engano... Seu sogro está ahi, está morrendo tambem. O coração já foi tomado, e os rins, e as arterias, e tudo emfim, porque a velhice não é doença, como queriam os antigos, é morte, D. Córa... Bem, agora me vou, que tenho amanhã o enterro da pobresinha...

— Vá, vá repousar Doutor... Nós todos lhe somos tão agradecidos! Não ha nada que pague...

O medico partiu. Eu e Córa, um deante do outro! Ella á porta do quarto onde elle dormia, e eu a um passo, na sala de jantar, sem querer sentir-lhe os olhos satanicos de seducção, e vendo-lhe o corpo quieto de encontro á aresta do humbral, e adivinhando-lhe a cabeça baixa e voltada para mim!

Afastei-me silencioso, enfiando-me pelo corredor, fugindo para junto da morta, confuso dos zunidos que me entonteciam, do coração que cabritava, das mãos delirantes de tomaremno vasio a meia laranja dos seios de Córa, e da mão que eu não via, mas me amarrava a garganta, seccando-me a bocca!

Um gallo cantou distante.

— Já é tarde! — soprou uma voz sumida de mulher.

— Meia hora depois da meia noite — informou, tirando do relogio, o mesmo individuo que puxara o lenço da defunta.

Uma mocinha extremunhada, de cahimento pesado de cabeça, rompeu um bocejo de reacção, dominando o espreguiçamento, e considerou invocativa:

— O canto do gallo! Não ha nada que me impressione tanto! Que tristeza ouvil-o quando se está á cabeceira de algum doente! Minha mãe!... Ella passou vinte dias entre a vida e a morte e eu não arredava o pé de seu quarto, e ouvia os gallos que cantavam longe, como esse que acabou de cantar.

Córa entrou, agradecendo a bondade de todos:

— Ainda estão por aqui! Vá para casa major Philadelpho, que a sua filhinha deve estar cansada. Vae Véra, vae Julieta, que nós ficamos, e outras pessoas não tardam...

Quando os tres retiraram, Córa ajoelhou-se deante do cadaver, rezou por alguns minutos, ergueu-se e voltou de voz pisada aos que assistiam:

— Mãesinha assim está bem acompanhada. Todos são amigos, e dos verdadeiros!...

E acenando-me:

— Venha, venha commigo confortar o pobre do Edmundo que já acordou.

Obedeci. Ella entrou no quarto onde o marido dormia, e pé ante pé foi espial-o. Chamou tres ou quatro vezes, bem junto ao ouvido, graduando a elevação da voz. Sacudiu-o depois e comprehendeu que o somno era profundo. Então, tomando-me das mãos, me estendeu os labios, e eu tive a torpeza de os colher.

— Que miseria, meu amor!

Córa volveu-me os olhos de serpente mansa, e eu quiz ficar muito mais tempo ainda. Mas o marido da morta tossiu prolongada e angustiadamente, partindo o silencio da noite velha, como se quizesse acordar o filho.

Eu queria ficar...

O velho explodiu noutras suffocações de tosse, e gemia, erguendo-se do leito, a estalar no quarto contiguo. Desta vez, Córa estendeu-me o braço imperiosa, apontando-me a porta. Mas, sabendo já, por instincto de mulher, que o meu amor não era desses da illusão de um dia, asserenou-me:

— Brevemente nos encontraremos de novo...

— Quando? Quando então? Dize, dize agora... Promette... Jura!...

E, como o velho entrasse a tossir pela terceira vez, cortando a solidão da noite alta, arrastando-se com saudades da morta, ella, de ouvido attento, cravando-me os olhos respondeu, quasi em segredo, e a envolver-me do seu halito aromoso:

— Juro-te!... Mas espera pelo velhinho, que vae morrer por esses dias...

SENHORITA HENRIQUETA DOMINELA
Photo Schubernig

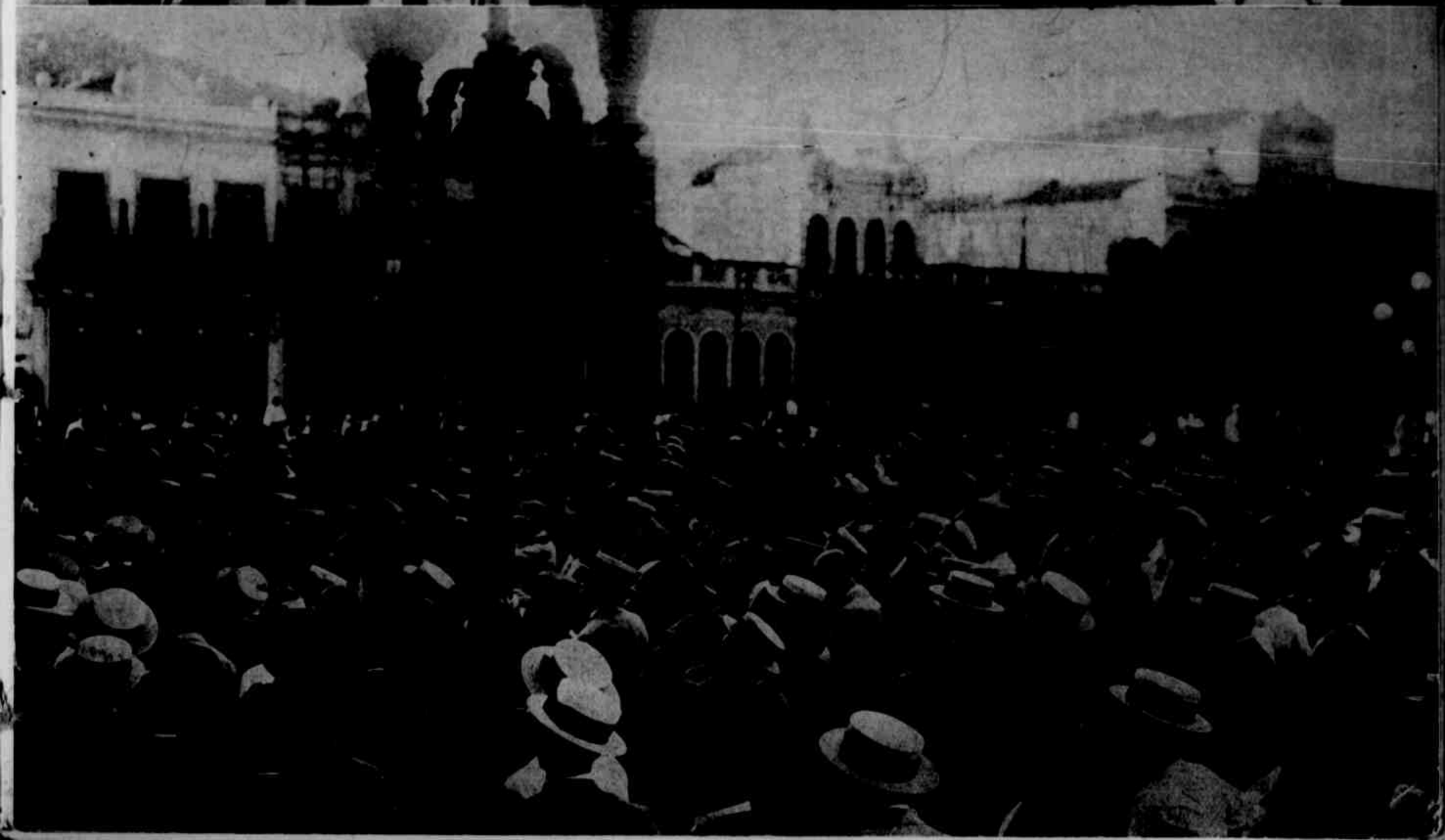
SENHORITA
DIVA
RIGOU
Photo
Schubernig.

SOCIEDADE PAULISTA

MME. LYGIA COSTA MELCHERT
Photo Rosenfeld.

SENHORITA
PORTNOFF.
Photo Rosen.

1 DE MAIO
DIA DOS OPERARIOS
NO RIO DE JANEIRO

As mais bellas mulheres da Europa

STANISLAVA MALIJERITCH
Miss Yougoslavia

DERNA GIOVANNINI
Miss Italia

IRENE LEVITSKY
Miss Russia

BENNY DICKS
Miss Inglaterra

PEPITA ZAMPER
Miss Hespanha

VILEKE MOGEMSEN
Miss Dinamarca

MARION GAPAESCO
Miss Rumania

CLARE RUSSEL-STRITCH
Miss Irlanda

Miss Hungria a escolhida entre todas

GERMAINE LABORDE
Miss França

ASPASIA KARATZA
Miss Grecia

VLADISKVA KOSTAK
Miss Polonia

ELISABETH SIMON
Miss Hungria

LISE GOLDARBEITER
Miss Austria

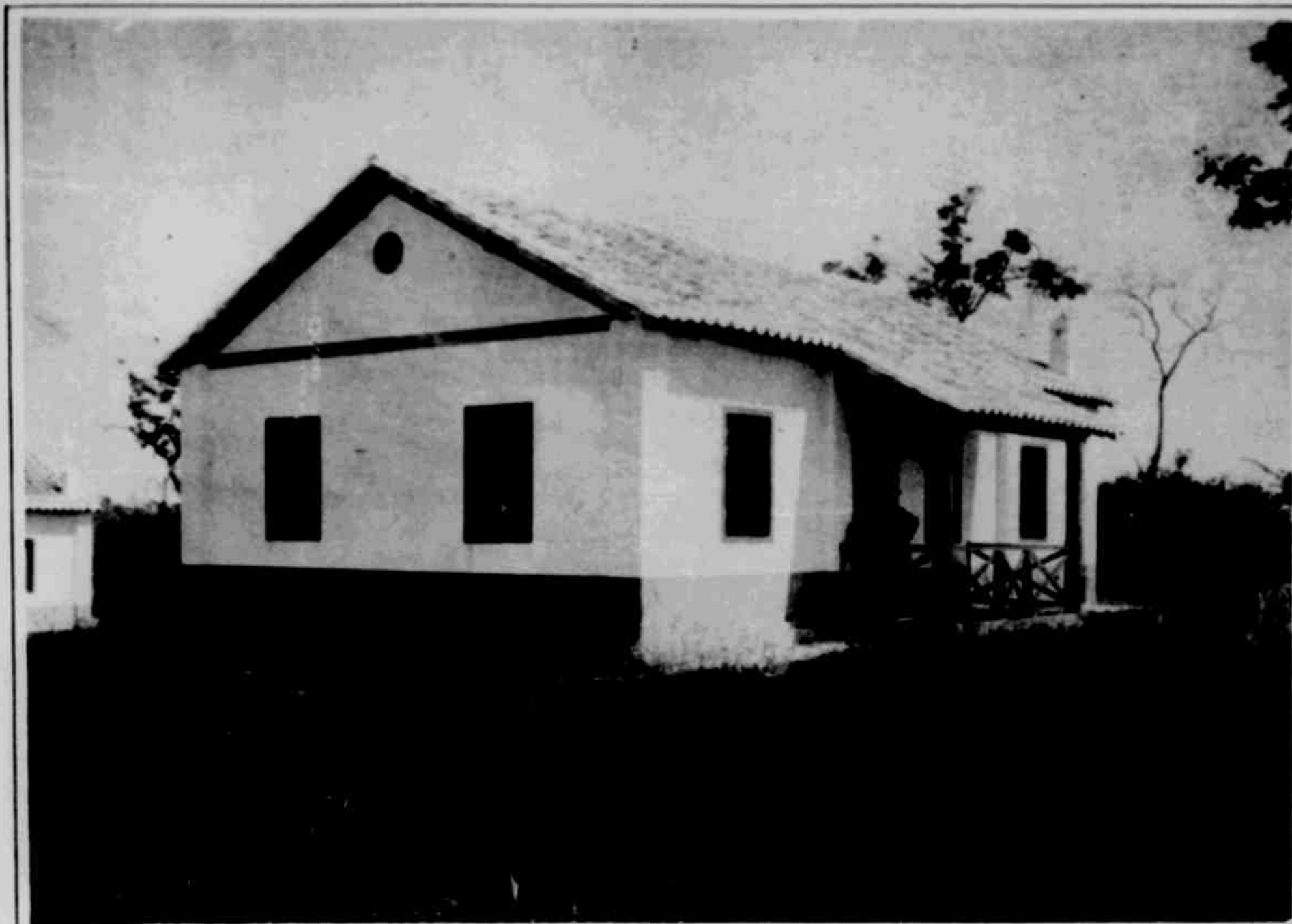
ELISABETH RADZYN
Miss Allemanha

LUBA YOTZAVA
Miss Bulgaria

ANNIE HAUSSEL
Miss Suissa

DEPOIS DO CONCURSO DAS MISSES

ESTAS SENHORAS FUNDARAM A LIGA ANTI-ANTHROPOMETRICA

Desenho de Di Cavalcanti

COMO VIVEM OS COLONOS EM S. PAULO

CASA DE COLONOS EM UMA FAZENDA EM S. PAULO

De Elegancia

DAS "misses" que aqui vieram para a grande parada da belleza e em disputa do titulo da mais bella do Brasil, Didi Caillet conquistou circulo selecto de admiradores. E' que "miss Paraná" não é somente bonita, não attráe unicamente pela belleza physica, e sim, e muito pelo espirito e pela arte.

Eu a vi, da ultima vez, no seu apartamento do Palace Hotel. A dona daquelle ambiente dava, de prompto, a quem a conhecesse dali, a impressão de uma creatura dedicada ás finas coisas de espirito. Espalhados pelas mesas, na secretária, aos montões, livros de poesia e de prosa, dos "novos" que iam render homenagem á graça da formosa paranaense. Telegrammas, cartas, cartões em profusão e de envolta com flores, artisticamente atiradas aqui, ali, ás braçadas, nas cestas esparsas.

Didi Caillet, declamadora que o Rio tem applaudido, adora a poesia moderna sem deixar de enaltecer a antiga.

Didi Caillet é elegante, veste com elegancia. Ha no seu todo qualquer coisa de original que a destaca das demais.

Ella usa os cabellos cortados como toda a mulher moderna, mas não os corta muito. Cáem até ás espaduas, em cachos, ondulados e negros.

Escolhe vestidos que lhe vão primorosamente.

E', assim, um completo de belleza e de intelligencia, de graça e de espirito, essa coisa

que todos apregoam rara e eu ouvi, ha poucos dias, commentada por Medeiros de Alburquerque. O grande critico brasileiro lêra que na Norte-America, o numero das mulheres formosas e intelligentes é assombroso, mulheres bonitas, intelligentes, mais intelligentes que o homem norte-americano... Ahi está uma descoberta interessante. E eu a cito aqui não só porque a ouvi de quem a ouvi como porque cabe numa chronica em que se trata da esthetica physica e da mental de uma linda mulher.

Didi acha que a elegancia é para a mulher como o viço para a flor.

— O hastil verde é, assim, como o porte gracioso da mulher — accrescentou ella.

— Continue...

Sorriu a linda moça, e:

— A elegancia é a arte de agradar a vista como a de encantar o espirito. Physicamente ha atitudes que os esculptores, os pintores e mesmo os photographos copiam e os antigos perpetuaram em classicas figuras. E' um traço da elegancia que defino — com o perdão dos esthetas — como a graça ideal da mulher.

Bateram á porta. Um empregado do hotel trazia grande numero de cartões de pessoas que vinham cumprimentar miss Paraná. Didi que a todos recebe, pedira que as visitas a esperassem no salão. Desceria num instante.

— Quero mostrar-lhe, disse-me ella, um bello trecho de Romario Martins publicado na "A Republica" de Curityba.

— Se é do seu agrado, posso transcrevel-o. Dê-me tambem, especialmente, para a minha pagina, retratos seus que substituam os mais elegantes figurinos.

Didi deu-me a escolher, entre as centenas que estão em albuns, algumas photographias. Difficil empresa. Em todo o caso creio que não escolhi mal. Nem o poderia fazer. Se são egualmente encantadoras...

Agora, o trecho de Romario Martins, para contento da minha linda amiga e prazer dos meus leitores:

"A grande aldeia onde os curitys esplendem no ar subtil as columnas eris e as taças verdes, evocativas da esperança, em perenne saudação aos que chegam e aos que partem, — elegeu um dia a cunhatã mais linda da tribu, aquella que havia de conduzir aos hombros nu's, o nhapecani propiciador de todas as victorias.

Pelos tapuys andou ruflando a aza sonóra do desejo e da curiosidade. Quem conduziria o honroso symbolo? Lindas cunhatãs vieram lembradas ao garrido concurso "da mais bella".

De uma o olhar macio e doce como a luz da estrella d'alva ao se sumir num céo de opála, de outra a polpa de jambo da tez e o negror da cabelleira de pura seda ondeante, de outra o ouro rival das searas bem maduras emoldurando a alvura do semblante, de outra a serena figura de Beatrice sorrindo á propria graça. De outras o fino labio abrindo em rosa num orvalho de perolas, o velludo das mãos tão finas e ageis como fusos, o tronco esguio como o das palmeiras reaes, o andar deslisante lembrando garças num trotoir de prata, os pés pequeninos e mysteriosos de cyrandelas.

Quantas foram vindas? Todas, certamente, que difficil seria o escolher "a mais bella" na terra da belleza das mulheres!

Uma, comtudo, foi mistér eleger, que resumisse a plastica, a graça, a feição esthetica do ideal de belleza do momento, na grande aldeia dos curitys que ramalham no ar, palpitantes de graça vegetal, na mais linda terra do Brasil, onde os traços das gerações que veem surgindo ora lembram os das raças de todos os quadrantes do mundo numa incessante transplantação de caracteres ethnicos, ora se confundem na progressiva exsurgencia de novos typos de belleza para a humanidade!

A uma conferiram, pois, o cocár e o bastão florido "da mais bella", por não os poderem conferir a todos as lindas cunhatãs que os mereciam.

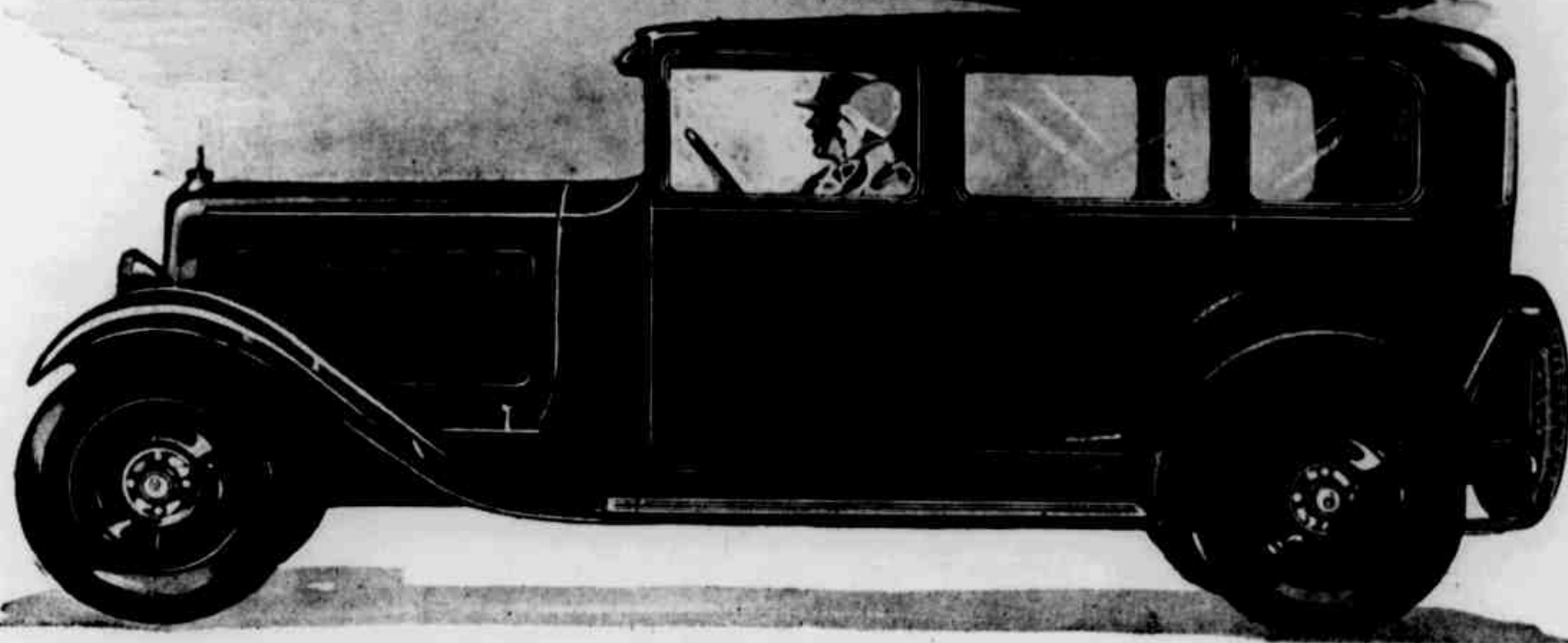
E é essa a que vae partir para o confronto final com "a mais bella" de todas as aldeias. Aos seus encantos pesa agora, a responsabilidade de ser tão linda! Linda de belleza physica, linda de graça feminina, linda de lindeza e de espiritualidade!

Cunhatã de nossa gente, "miss das misses" de toda parte ou "miss Paraná" tão somente! — que te acompanhe, planando sobre a graça da tua silhueta de mulher bonita, o totem nacional da victoria!"

SORCIÈRE

C4

C6

ELEGANCIA
VELOCIDADE
ECONOMIA
CONFORTO
POTENCIA
SEGURANÇA

Clinica Medica de "Para todos..."

REGIMENS DOS GLYCOSURICOS

Para conseguir, por meio do regimen alimentar, a suppressão do assucar, na secreção urinaria, dois methodos pódem ser empregados a contento: 1º — completa eliminação dos hydratos de carbono e seu posterior retorno á alimentação; 2º — eliminação progressiva dos hydratos de carbono, até que o organismo possa toleral-os, sem evidentes manifestações de glycosuria.

Baseado em suas observações pessoaes, **Rathery** apresenta as regras praticas, inherentes aos dois methodos referidos.

A suppressão brusca dos hydratos de carbono effectuar-se-á com o regimen seguinte:

Pequeno almoço — café ou chá, sem assucar, um pouco de crême e um ovo.

Almoço — 125 grammas de carne, legumes verdes, cozidos ou crús (feijões, ervilhas, favas, etc.), saladas cozidas ou crúas, 50 a 60 grammas de manteiga, 50 a 75 centimetros cubicos de vinho ou dagua fria e café, sem assucar.

Jantar — 125 grammas de carne ou de peixe, ou então, um a dois ovos, legumes verdes, — cozidos ou crús, 30 a 60 grammas de manteiga e 50 a 75 centimetros cubicos de vinho ou dagua fria.

E' necessario examinar as urinas, de cinco em cinco dias, e, decorrido algum tempo, se não houver propriamente glycosuria, cabe fazer a prova de tolerancia, em relação aos alimentos hydro-carbonados.

E, então, o enfermo deve ter em seu regimen 100 grammas de batatas (pesadas em estado crú), durante cinco dias; findo este periodo, pesquizar-se-á existencia de assucar, nas urinas; se o resultado fôr negativo, continuar-se-á a empregar diariamente 100 grammas de batatas, no regimen alimentar; após cinco dias, far-se-á outra pesquiza nas urinas, e, conforme o resultado, poder-se-á estabelecer o regimen definitivo, com regular inclusão dos alimentos hydro-carbonados.

A suppressão progressiva dos hydratos de carbono far-se-á, diminuindo, no regimen alimentar em periodos successivos de cinco a cinco dias, 100 grammas das mencionadas substancias; decorrido cada periodo, proceder-se-á a uma nova pesquiza, nas urinas, e limitar-se-á a ingestão dos alimentos hydro-carbonados á exacta quantidade tolerada pelo organismo.

Ambos os regimens devem ser regularisados pelo medico, sob cuja responsabilidade se effectua o tratamento, porquanto um e outro precisam de modificações impostas por diversas condições personalissima e pela evolução da glycosuria observada.

CONSULTORIO

GERUZA (São Paulo) — O tratamento deve ser complexo. Use, pela manhã, um comprimido de ovarina e, á noite, um comprimido de thyroidina. Depois de cada refeição principal, use um calice deste reconstituinte: arrhenal 50 centigrammas, gottas amargas de Beaumé 1 gramma, tintura de genciana 5 grammas, pyro-phosphato de ferro citro-ammoniacal 5 grammas, phosphato mono-calcico gelatinoso 10 grammas, extracto fluido de kola 15 grammas, vinho de quina 700 grammas. Durante os cinco ou seis dias que precedem á época esperada use, pela manhã e á noite, uma capsula de "Apioseline Oudin", deixando de empregar os comprimidos acima indicados. Deve suspender todos esses remedios, durante o incommodo periodico.

I. G. S. (Rio) — Regularise a hora das refeições, escolhendo alimentos leves e de facil digestão. Use: salol 6 grammas, sub-azotato de bismutho 4 grammas, magnesia calcinada 5 grammas, carvão naphtolado 5 grammas — divididos em 18 capsulas, das quaes tomará 3 por dia. No momento de se recolher ao leito, use uma colher (das de chá) de "Sacerol", num pouco dagua assucarada.

H. M. (Nictheroy) — Evite cuidadosamente os resfriamentos. Deve usar: bi-iodureto de hydrargyrio 15 centigrammas, salicylato de sodio 6 grammas, extracto fluido de caroba 6 grammas, extracto fluido salsaparrilha 15 grammas, xarope de cascas de laranjas amargas 300 grammas — tres colheres (das de sopa) por dia. Friccione os pontos doloridos com o "Balsamo Nerval".

LILI (Campinas) — Dê á creança: tintura de aconito 10 gottas, tintura de lobelia inflata 1 gramma, tintura de grindelia robusta 1 gramma, licor ammoniacal anizado 20 gottas, benzoato de sodio 3 grammas, xarope de Desessartz 30 grammas, xarope de tolú 220 grammas — uma colher (das de sobremesa) de 3 em 3 horas.

IRINA (Paranaguá) — Depois de cada refeição principal use o "Forxol". Faça por semana 3 injecções intra-musculares com a "Seroferrine". No momento de se recolher ao leito use 2 comprimidos de "Lactal".

DR. DURVAL DE BRITO.

Medicos

Dr. Armenio Borelli

Cirurgia do adulto e da creança. Chefe interino da 3ª Enfermaria de Cirurgia da Santa Casa da Misericordia.

Consultas: das 4 ás 6, rua Rodrigo Silva, 5—sobrado; telephone C. 3451. Residencia: rua Senador Vergueiro, 11, telephone B. M. 1448.

Dr. Arnaldo de Moraes

Docente de Clinica Obstetrica da Faculdade de Medicina.

De volta de sua viagem reassumiu o exercicio da clinica.
Partos, cirurgia abdominal, molestias de senhoras.
Consultorio: Rua da Assembléa, 87. (Das 3 ás 5 horas). Residencia: Travessa Umbelina, 13. Telephones: Beira-Mar 1815 e 1933.

Doenças nervosas — Males sexuaes — Syphiliatria — Plastica.

Dr. Hernani de Irajá

Banhos de luz. Raios ultra-violetas e infra-vermelhos. Diathermia. Alta-frequencia. Galvano-faradisação. Endoscopias. Massagens electricas por habil enfermeira. Processos rapidos para engordar ou emmagrecer. Tratamento de signaes, verrugas, cicatrizes viciosas pela electrolyse e electro coagulação.
Das 2 ás 6 — Praça Floriano, 23 — 5º andar. "Casa Allemã".

Clinica Medica do

Dr. NEVES-MANTA

Assistente da Faculdade

Tratamento das Affecções do Figado, e dos Rins; e das Doenças Nervosas e Mentaes.

Rua Rodrigo Silva 30 — 1º

Diariamente ás 2 horas

Dóra e Diva, filhas do casal Christiano da Rocha, funccionario do Deposito Naval. Diva fez 4 annos no dia 9 do corrente

Graphologia

AVISO

Temos inutilisado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal, e outras finalmente, a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente assignados em papel liso. O pseudonymo só é permittido para a resposta.

PETITE FRANÇAISE (São Paulo) —O traço predominante do seu caracter é a bondade, a doçura, a generosidade, a indulgencia para com os que erram.

Bastante alegria de viver, enthusiasmo, esperança, um pouco de reserva e timidez que se póde confundir com a modestia.

Espirito um tanto fantasista, o que a faz ter pouco amor á verdade. Pouca cultura literaria, porém bastante intelligencia que póde ser aproveitada no aperfeiçoamento do seu formoso espirito. Estude.

ANNA (Rio) — Sua letra rapida é o espelho do seu caracter activo, emprehendedor, um tanto precipitado, agindo por impulsos repentinos. Ha tambem firmeza, decisão prompta, energia, força de vontade e desassombro, pouco lhe importando a opinião alheia, desde que esteja contente com sua consciencia.

Algum pessimismo, reserva e amor ao mysterio na sua quasi indecifravel assignatura.

Bastante cultura e espirito critico, embora gentil.

ETHA (Rio) — Delicadeza, sensibilidade, sentimentalidade, amor-proprio susceptivel, fraqueza. Imaginação viva, alegria, agitação. Amor ao confortavel e ás viagens. Gosto pela chicana e pelas situações complicadas e embaraçosas. Uma certa hesitação em se resolver a fazer isto ou aquillo.

Espirito critico e vingativo, não perdoando nem esquecendo jámais as offensas recebidas.

RUY BLAS (Rio) — Equilibrio, moderação, prudencia, calma, reserva, firmeza, cultura. Alguma dissimulação, talvez calculada, o que se nota na differença entre a letra do corpo da carta e a da assignatura que denota energia, displicencia, concatenação de idéas, logica, dedução clara, actividade psychica, scepticismo pouco firme, "não crendo, mas desejando sempre experimentar. . ."

No momento de escrever estava triste, com grande depressão nervosa, fatigado, desalentado, com uma preoccupa-

ção qualquer de espirito. A grande margem de papel que deixou á esquerda é signal de prodigalidade, generosidade. Relutou em mandar as tres linhas que enviou para o estudo, tanto assim que o endereço da sobre-carta foi feito por outra pessoa. Uma letra feminina.

JULIANA DE VALBERG (Botucatú) — Vê-se na sua letra fina, delicadeza, fraqueza, sensibilidade extrema. Um tanto voluntariosa, soffrendo muito quando é contrariada em qualquer cousa.

Caracter firme, resoluto. Nota-se ainda ordem, economia, senso artistico, equilibrio, pontualidade, precisão. E' persistente e calma, sabendo controlar seus nervos para não demonstrar a impaciencia que ás vezes sente quando aguarda uma carta, ou espera a decisão de qualquer assumpto que de perto lhe interesse... Já deve ter recebido o aviso que mandou pedir.

DIANA DE LYS (Botucatú) — Bondade, generosidade, doçura, indulgencia, são as caracteristicas principaes do seu caracter.

Isso não exclue um pouco de energia quando se faz necessario.

Vaidosa, elegante, curiosa, como, aliás, quasi todas as mulheres, e um tanto impaciente como sua amiga e visinha Juliana que lhe deve ter dado tambem o aviso que pediu.

EVA (Estacio de Sá) — Letra vertical: energia, frieza, reserva. Letra miudinha: mesquinharia, finura, minucia, fadiga, talvez até myopia.

Um pouco de modestia, espirito fantasista, caprichoso. O traço em fórma de arpão com que firma sua assignatura denota que não perdôa offensas e que aguarda o momento opportuno para se vingar com prazer, replicando na mesma moeda, como adepta da pena de Talião. O horoscopo das pessoas nascidas a 13 de Maio é o seguinte: Têm muita habilidade manual, são valentes, generosas, amigas de tudo que lhes dê prazer, organizando festas e passa-tempos.

Gostam de titulos, condecorações e quaesquer recompensas honorificas aos seus serviços.

Não toleram ser contrariadas, sendo boas amigas, dedicadas, porém, terriveis como inimigas, crueis e rancorosas.

Pouco senso artistico. As mulheres têm pouca inclinação para os trabalhos caseiros.

FUZARCA (Rio) — Letra calligraphica é signal de insignificancia, amor ao convencional, pretensão, espirito acanhado, meticulosidade, a menos que a pessoa não seja professora de calligraphia.

Noto ainda um pouco de sensualismo, amor ás situações complicadas, á chicana, ao mysterio.

Alguns traços sinistrogyros dão idéa de egoismo, dureza de coração, outros indicam teimosia, espirito de critica satyrica e mordaz. Genio alegre, brincalhão, nada levando a sério, nem mesmo a propria vida.

GRAPHOLOGO

X A D R E Z

PROBLEMA N. 15

Dr. A. Simay - Molnar

1º Premio

Pretas 5 Peças

Brancas 7 Peças

Mate em 2 lances

—8—1p2T2b—8—CT6—r3C3—
—5t2—1P6—1R2cB2—

PROBLEMA N. 16

" J . P a l u z i e "

1º Premio

Pretas 10 Peças

Brancas 11 Peças

Mate em 3 lances

—3D4—RT5C—p3CTp1—t1pP1PP1—
2C1r2c—C7—6Pp—c4B2

Partida N. 12

TORNEIO SUL AMERICANO DE MAR DEL PLATA

Brancas Benito Villegas		Pretas Cauby Pulcherio
P 4 R	1	P 4 B D
C 3 B D	2	C 3 B D
C 3 B	3	P 3 D
P 4 D	4	P × P
C × P	5	C 3 B
B 2 R	6	P 3 R
0 — 0	7	P 3 T D
B 3 R	8	B 2 R
D 1 R	9	D 2 B
P 3 B R	10	0 — 0
T 1 D	11	P 4 C D

A abertura foi bem jogada. As pretas avançam o PC no momento preciso, pois agora não tem a mesma força a replica P4TD que quando a TD esta em sua casa inicial (Ajedrez Americano)

P 3 T D	12	B 2 C
P 4 C R ?	13	....

Um lance fraco. Melhor seria D2B (Cauby Pulcherio)

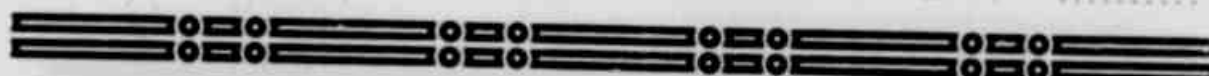
....	13	P 4 D !

Resposta justa contra o ataque prematuro das brancas (Cauby Pulcherio)

Pulcherio responde bem. Partindo da base de que não são boas as operações nos flancos, emquanto a situação central não está consolidada, rompe a estabilidade central e se assegura de boas chances (A. Americano)

P 5 C	14	C × C
B × C	15	C 2 D ? ?

O lance correcto era C4T; si 16. D4T — C5B, e as pretas estariam com uma part'da visivelmente superior (Cauby Pulcherio)

P × P	16	P × P
D 4 T R	17	....

O ataque das brancas não compensa a debilidade dos peões da ala do Rei, porém Cauby não joga adeante o melhor, dando occasião a Villegas de produzir a partida mais brilhante do Torneio (Ajedrez Americano)

....	17	C 4 R
P 4 B	18	C 3 C
D 4 C	19	B 3 D
P 5 B	20	C 4 R
D 4 T	21	B 4 B

Eliminando um poderoso elemento de ataque (Cauby Pulcherio)

B 3 D ?	22	....

Villegas que sabe que em um final estaria perdido, joga com o proposito de vulnerar a ala do Rei (Ajedrez Americano)

....	22	B × B
D × B	23	T D 1 D

Pulcherio que não teme o ataque, effectua tranquillos lances de desenvolvimento (Ajedrez Americano)

P 6 B	24	....

Começa a offensiva das brancas cujo plano é evitar P3BR, que além de paralysar o ataque, intensificaria as debilidades de seu jogo (A. A.)

....	24	C × B
T × C	25	T R 1 R
T 3 C	26	D 5 B D
D 2 B	27	P 5 D ???

Erro que custa a partida ! Com P3CR as pretas não só parariam o ataque como ganhariam o jogo. (Cauby Pulcherio)

P 6 C !	28	....

Villegas inicia um brilhante ataque ganhador (Cauby Pulcherio)

....	28	P T × P
T × P	29	P × C

Uma captura forçada. As pretas necessitam dominar a casa 4TR para evitar o mate em dois lances (Ajedrez Americano)

T × P ch.	30	R 1 T

Si R1B, seguiria T8C cheque, e D3C cheque seria indefensavel (A. A.)

T 7 T ch. !!	31	....

Com este ultimo sacrificio o mate é inevitavel (Cauby Pulcherio)

....	31	R × T
D 5 B ch. !	32	....

O lance que as pretas não viram em sua analyse... (Cauby Pulcherio)

....	32	R 3 T
D 3 T ch.	33	R 3 C
D 3 C ch.	34	R 3 T
D 7 C ch.	35	Abandonam

Si R4T, T5B ch. e D3C mate.

Aléguá... guá... guá... biribiribi guá... guá... Hurrah !

Mais tres solucionistas ingressaram no "Bloco da "Fuzarca" — São os amigos "Frei J" de Santa Catharina (só confessa pequenas... do outro mundo); João Maranhense, de S. Luiz do Maranhão e Carlos Olschowsky, de Ipuhy. — Que sejam muito bemvindos... e que mandem as soluções sempre certas.

Neophito — Bijou — Pery — Potyguara — J. De Vecchi — Como é isso ? Perderam o folego ? Não tenho mais recebido soluções de vocês. Será que têm achado os problemas muito difficeis ?

Verdiana, filhinha do Coronel Joaquim Moreira Delgado. Lima Duarte — Minas.

SOLUÇÕES

Problema N. 5 — P 4 B R
" " 6 — T 7 B
" " 7 — T 6 D
" " 8 — D 2 C
" " 9 — T 5 B D
" " 10 — C 3 R
" " 11 — D 2 B
" " 12 — D 1 B R

SOLUCIONISTAS

Enviaram soluções de 1 a 10: Elpidio Salles — Gustavo Massow — J. Alderac — Paulo Lahmeyer — Cauby Pulcherio — Seraphim Clare — Pepe — Henri W. P. — Souza Coelho — Orestes Tavares — Encoberto — Agarez — Alceu Maciel — Nicolino de Lucca — Pequena do Outro Mundo — Pequenino — Frgido — Aché Cordeiro — Raol (3, 4, 5, 6, 7, 8 e 10. O 9 está errado) — Frei J (3, 4 e 7, estando o 6 errado) — João Maranhense (n. 7) — Carlos Olschowsky (n. 7 certo e 8 errado).

De accordo com o resultado acima, vae ser feito o sorteio dos 3 exemplares da "Miscellanea Recreativa", o excellente livro do Dr. Mendes de Moraes, entre os solucionistas que obtiveram 20 pontos.

CORRESPONDENCIA

"Frei J" — Escreva para Eurico Penteado (Club de Xadrez — S. Paulo) e pergunte-lhe onde póde adquirir o livro de sua autoria, ou para Francisco Agarez ("As Bichas Monstro" — Rua Gonçalves Dias, Rio de Janeiro) a quem póde encommendar o "Curso Elementar do Xadrez", do qual é autor.

João Maranhense — As soluções dos problemas ns. 1, 2, 3 e 4 foram publicados no n. 20-4-929.

Carlos Olschowsky — Leia a resposta acima.

Epitaphio

FELIX SAMPAIO

Ainda depois de morto
Com o corpo todo em migalha
Encontrarão sua alma
Agarrada com a medalha

Aché.

As soluções e os commentarios pódem vir sob pseudonymo, para effeito de publicação, mas é necessario que o solucionista declare tambem o seu verdadeiro nome para que o Redactor da secção saiba com quem trata. Por solução certa creditarei 2 pontos, por "furo" 3 pontos e por solução errada debitarei 5 pontos. O prazo para entrega é a seguinte: Capital 7 e Estados 21 dias. Toda a correspondencia deverá ser dirigida para Carlos Reis, Redacção do "Para todos...", Rua do Ouvidor n. 164 — Rio.

O Dr. Brasil de Araujo, Presidente da Camara de Barbacena, á frente dos seus nove filhos, que mais parecem seus irmãos

DE BELLO HORIZONTE

Maria Julieta Quintino dos Santos, que obteve uma chusma de premios no Carnaval de 1928.

BIOTONICO FONTOURA

COM O SEU USO OBSERVA-SE O SEGUINTE:

1.º Sensivel augmento de peso.
2.º Levantamento geral das forças.
3.º Desapparecimento do nervosismo.
4.º Augmento dos globulos sanguineos.
5.º Eliminação da depressão nervosa.
6.º Fortalecimento do organismo.
7.º Maior resistencia para o trabalho physico.
8.º Melhor disposição para o trabalho mental.
9.º Agradavel sensação de bem estar.
10.º Rapido restabelecimento nas convalescenças.

O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE

Officinas Graphicas d' "O MALHO"